

## A FUNÇÃO DOS CARTÉIS<sup>1</sup>

I – Sessão plenária de sábado a tarde:

“Do “Mais uma”

(A sessão abre às 17h sob a Presidência de P. Martin)

Pierre Martin – Estas jornadas de estudo dos cartéis da Escola Freudiana não tinham por objetivo somente a reunião e a assembleia numerosa que suscitaram; tinham, também, no seu projeto, permitir, e, inclusive, suscitar na Escola um debate sobre a função dos cartéis como tais. É, na verdade, interessante, às vezes até o limite, um pouco inquietante, constatar como estes cartéis, em geral, se constituíram.

O cartel, na perspectiva da Escola Freudiana, não é uma reunião de gente que se propõe simplesmente a um intercâmbio de ideias, e, menos ainda, um lugar de ensino direto ou magistral, num grupo pequeno ou num grupo mais ou menos extenso. O que concerne ao cartel está definido expressamente, de uma maneira muito clara, na Ata de Fundação da Escola, Ata de Fundação que data de 1964; há onze anos, portanto.

O que tentamos suscitar em vocês é, de alguma maneira, ressuscitar um texto e suas implicações que permanecem, temos que reconhecê-lo, completamente veladas.

Um cartel, diz o texto, é, em primeiro lugar, a condição de admissão na Escola; está dito nos seguintes termos: Aqueles que virão a esta Escola se comprometerão a realizar uma tarefa submetida a um controle interno e externo; se lhes assegurará, neste intercâmbio, que nada será poupado para que tudo o que eles façam de valioso tenha a repercussão que mereça, no lugar que lhe convenha.

---

<sup>1</sup> Jornadas de cartéis da École Freudienne de Paris, 12 e 13 de abril de 1975, Maison de la Chimie, Paris. Publicado em *Lettres de l'École Freudienne*, 1976, n.18, p. 219-270. Organização do texto em português realizada pela Comissão de Publicações da *Escola de Estudos Psicanalíticos*, set. 2017.

Para a execução deste trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração baseada num pequeno grupo; cada um deles (e temos um nome para designar estes grupos) será composto de três pessoas no mínimo e de cinco no máximo – quatro é a medida certa, MAIS UMA, encarregada da seleção da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. Eu lhes releio aqui uma passagem que completarei com outras duas ou três; mas por que, diabo, é que releio?

Todo o mundo tem, ou deveria ter à mão, o anuário da Escola; mesmo sendo ele (e até os próximos dias) de 1971, contém a Ata de Fundação.

Ora, na verdade não é nesse espírito, creio, ou melhor, dessa forma, que a maioria dos cartéis que conheço se constitui e age.

Diz Lacan que a Escola Freudiana de Paris, em sua intensão, representa o organismo onde deve se realizar um trabalho que, no campo que Freud abriu, restaura a lâmina cortante da sua verdade.

1 – que restabelece a práxis original que ele instituiu, sob o nome de Psicanálise, no dever que retorna a ele no nosso mundo.

2 – que, por uma crítica contínua, denuncia os desvios e os compromissos que atenuam seu progresso, degradando seu uso.

3 – A estas três perspectivas corresponde, na Ata de Fundação, a criação de três seções; uma de Psicanálise pura, outra de Psicanálise Aplicada, e a terceira de Inventário do campo freudiano. Cada uma assistida por um diretor de seção encarregado de reunir os trabalhos feitos, de cuidar das vias mais propícias para sustentar os efeitos de sua solicitação, e, assim, assegurar, também, os intercâmbios entre os cartéis, coisa que, todo o mundo concordará, não é das mais comuns.

Certamente, nossa reunião de hoje tinha isto como intenção inicial, mas teríamos que discutir ainda como a coisa pode ser feita. E, para terminar, antes de abrir o debate e de que cada um possa se exprimir, quero lhes dizer duas coisas.

A primeira é que teremos outra sala aberta ao lado desta, amanhã de manhã, onde poderão se encontrar justamente aqueles que quiserem

discutir sobre o tema “o que é um cartel”, e como este poderia funcionar nas perspectivas abertas pela Ata de Fundação.

A segunda é que, depois de ter discutido com muitos colegas que fazem parte dos cartéis, eu me atrevi a fazer-lhes a seguinte pergunta: Qual é o lugar que vocês deram, na criação e na organização do seu grupo de trabalho, a esta pequena palavra: “mais uma” (“*plus une*”)?

Não se trata de “um a mais” (“*un en plus*”) de três mais um que fazem quatro, de quatro mais um que fariam cinco, e, sim: “mais uma”; há aí alguma coisa que foi, estou convencido, assim colocada para despertar toda uma problemática; sendo entendido, como é dito no texto (não quero lhes aborrecer com a leitura deste texto; vocês todos o têm, é só ler), que toda chefia, no sentido de atitude professoral de um dos elementos de um cartel, é abandonada de saída.

Tendo dito isto, o que seria desejável é que, desde agora, alguns de vocês, no maior número possível, nos façam conhecer o que entendem por um cartel, tomando como ponto de partida o que eles mesmos constituíram, se é que constituíram alguma coisa, e, por outro lado, não esqueçam de responder a esta questão do “mais uma”. Porém, não esperem de mim que eu faça de uma maneira abrupta uma definição do “mais uma”. É justamente isto que seria necessário levantar como base da discussão de suas intervenções.

Jacques Lacan – É seguramente com razão que Martin se manifesta sobre este ponto.

Quero dizer que este “mais uma” mereceria uma melhor sorte, já que, pelo que sei, não parece que esta coisa que, na verdade, não quero me vangloriar de tê-la antecipado sobre algo que tento articular sob a forma de nó borromeano. Não se pode não reconhecer, neste “mais uma”, aquilo que eu não lhes disse, evidentemente, na última vez, porque não posso chegar sempre num seminário e dizer tudo o que trazia, mas, enfim, que se refere estritamente a isso que escrevi:  $X + 1$  é precisamente o que define o nó borromeano, e é a partir do fato de retirar esse 1 – que no nó borromeano é qualquer um – que se obtém a individualização completa, ou seja, que do que sobra – a saber, do X em questão, – não há mais que um por um.

A questão que lhes propôs, em suma, Martin, é opinar sobre esse um – não digo que vocês se tenham interessado até hoje, contudo não é uma razão para não lhes pedir alguma resposta – esse um, que parece sempre possível como enodando toda a cadeia individual, como concebê-lo? É verdade que eu disse coisas sobre o que Martin acaba de evocar, quer dizer, o “um a mais”. Nessa época, eu o tinha tratado sob a forma do que constitui propriamente falando o sujeito, que é sempre um “um a mais”.

Eu pediria que fale quem quiser, já que não posso interrogar cada pessoa e transformar isto em resposta obrigatória. Pelo menos, que declarem as pessoas que tenham vontade sobre este tema: em suma, o que lhe evoca, o que lhe sugere esta “pessoa” que trato de isolar do grupo; o que não quer dizer que não possa ser qualquer uma delas.

É verdade que o cartel fez, pouco a pouco, o seu percurso dentro da Escola; fizemos grupos, seminários. O que constitui a vida própria de um cartel tem, na verdade, uma relação estreita com o que tento articular neste instante, no seminário.

Eu sei o que gostaria de obter como funcionamento dos cartéis; se o limitei, dizendo que de três a cinco, obtém-se no máximo seis; deve ter uma razão. Não é, contudo, um enigma.

Isso normalmente deveria sugerir, pelo menos a alguns, àqueles que têm mais prática, uma resposta. Não estou completamente seguro, mas, enfim, essa palavra tem algum conteúdo: cartel, que por si só já evoca quatro,<sup>2</sup> quer dizer, três mais um, é, de qualquer maneira, o que considerarei que permitiria elucidar o seu funcionamento, e, para chegar até seis, a coisa teria que ser posta à prova; usei a palavra *cartel*, todavia, na verdade, é a palavra “*cardo*”<sup>3</sup> que está atrás, quer dizer, a palavra “dobradiça”. Eu já tinha me referido a essa palavra “Cardo”, evidentemente esperando que cada um procurasse o que quer dizer. Preferi, finalmente, a palavra cartel, porque, ao mesmo tempo, era uma precisão, e a descrição que eu dava em seguida, falando de no mínimo “três mais um”, permitiria esperar um jogo eficaz, fazer não só que sejam mais, mas que haja quem desempenhe seu papel – não só numa das seções que tinha previsto para serem três também,

---

<sup>2</sup> Em Francês, há certa homofonia entre cartel e quatro. (N.T.)

<sup>3</sup> Do latim: “cardo, inis”: dobradiça, eixo, porta; extremidade, terminação, limite, polo; região do céu, céu; caminho, fosso. (N.T.)

e vale a pena que se note que, fazendo três seções, implica, também, em “mais uma”, ou seja, uma quarta. Isso quer dizer que a Escola, talvez, não tenha começado ainda a funcionar. Isso pode se dizer, por que não?

De maneira que, agora, eu esperaria que alguém se manifestasse, e lhe ficaria reconhecido muito pessoalmente, que alguém declare, por pouco que haja pensado – afinal, deve haver algumas pessoas que leram a Ata de Fundação – como este “mais uma” é, para ele, digamos, interpretável. Interpretável, certamente, em função do meu ensino.

Colette Soler, você, a quem ouvi há pouco, o que me deu um grande prazer, por que nunca pensou nisso?

Colette Soler– Eu pensei nisso.

Jacques Lacan – Você pensou nisso, então, diga o que pensou.

Colette Soler– Eu digo que pensei, mas não tenho, só por isso, grande coisa a dizer. No cartel onde trabalhei, começamos sendo quatro. A princípio, eu diria que era o que você chamaria um grupo; somos, agora, cinco, no entanto, a pergunta que me faço é se, no fundo, o “mais uma” talvez não seja, necessariamente, uma pessoa, por um lado, e, além disso, não necessariamente esteja lá.

A meu ver, no nosso cartel, o elemento que talvez fizesse a articulação era a ideia de que estávamos unidos à Escola, pelo viés do cartel, ou, talvez, ao seu nome, não sei. Mas não vejo que seja por uma pessoa que tenha tido um papel, no grupo, de “mais um”.

Maurice Alfandari – O que me evoca o “mais um”, a propósito dos cartéis, é um cartel clínico (não sabíamos muito bem como chamá-lo, era assim como o fazíamos). O “mais um”, me unirei ao que foi dito, não representava uma pessoa. Mas, agora que volto a pensar, tenho a impressão de que representava uma espécie de lugar vazio, uma função que era intercambiável, que permitiu que alguma coisa se produzisse; em todo caso, por meu lado, eu não podia fazer sozinho, me era impossível... o que eu tentava fazer, não podia fazê-lo só.

Eu não sei muito bem como, porém é por causa deste grupo (somos cinco, creio) que entendo isso assim: o “mais alguma coisa” é um lugar que está vazio, e que faz possível o funcionamento do grupo e do que ali se

elabora, mas sem que, necessariamente, se assinale quando isso se produz, porque há alternâncias, comutações e essas coisas todas.

Jacques Lacan – O que exerce essa função, segundo você, no seu grupo?

Maurice Alfandari – Não sei. Acho que porque eu não sei é que isso funciona.

Jacques Lacan – Sim... [risos].

Por que você designou esse grupo com o termo cartel clínico? É a clínica, por exemplo, sua experiência comum, que tem aí uma função de nó?

Maurice Alfandari – Sim, provavelmente, mas o que penso – é assim que entendo o “mais um” de que você fala – é o fato de que eu e, acho, os outros também, na elaboração do que fazemos, do que tentamos fazer, acho que seria impossível se não houvesse alguém (no entanto isso não designa uma pessoa) que, alternativamente, cumpra a função do “mais uma”. Eu diria: a função do ausente, função desempenhada alternativamente, eu acho, por uns e outros.

Jacques Lacan – Será que essa função do ausente pode ser exercida por alguém que está ausente esse dia, por exemplo?

Maurice Alfandari – Sim, acho que sim.

Jacques Lacan – Então, qual é a relação entre aquele que esse dia está ausente e o que eu lembrava neste instante como sugestão; sugestão passageira: qual é a relação deste ausente com o que poderíamos chamar “objeto” como a clínica o define?

Maurice Alfandari – Justamente, porque está ausente que alguma coisa é possível.

Jacques Lacan – A sugestão da função do ausente, donde ela veio, a sugestão do ausente surgiu no seu enunciado. A função do ausente, que se pode dizer estar ausente momentaneamente, ausente a uma reunião do cartel, nunca é à toa que alguém esteja ausente. Tentamos sempre dar um alcance à ausência na análise, estamos acostumados a isso. Pensem, será um suporte possível desta “mais uma pessoa”, da qual indiquei não a ausência, mas, justamente, a presença, porque não há sinal por ausência no

meu “mais uma” no texto; por que, contudo, não se perguntar sobre isso? Há, talvez, certo viés por onde esta pessoa pode se focalizar na pessoa ausente, e sua experiência de um cartel pode lhe sugerir uma resposta sobre isso. Deixemos tempo para o senhor pensar nisso.

Pierre Kahn – A experiência que eu posso citar é essa: a experiência de um cartel não clínico, mas chamado de formação teórica, ou seja, de leitura de textos. Esse cartel funcionava do ponto de vista do número, nisso que foi lembrado por Martin, e do ponto de vista de sua maneira de trabalhar. Eu acho que uma das coisas que nos guiava era a consideração de algo que você disse no seminário sobre os escritos técnicos, ou seja, comentar um texto analítico é como fazer uma análise, e mesmo que os participantes do cartel não estivessem de acordo sobre o sentido dessa formulação, ela estava presente no seu espírito – cada um a seu modo, certamente. Então, o que ela quer dizer em relação à pergunta feita sobre o “mais uma”?

Eu assinalo imediatamente que “mais uma”, uma pessoa a mais, não havia. Não havia ninguém presente; porém, imaginariamente presente, havia. Não posso falar por meus colegas, mas no que me concerne, esta pessoa presente a mais estava lá, e de diferentes maneiras, segundo os casos; podia ser – cada um segundo seu lugar – você mesmo, por momentos, podia ser o analista com quem eu estou em controle, podia ser o meu analista, podia ser um dos meus pacientes. Creio poder dizer que sempre houve, imaginariamente falando, uma “mais uma”.

Jacques Lacan – Era uma “mais uma” que mudava, ou seja, era, por exemplo, uma “mais uma” diferente nas declarações de cada um? Uma vez que se tratava de um seminário que você caracterizou como de formação teórica, seria possível que o discurso de cada um, cada qual por sua vez, trazia uma “mais uma” diferente?

Uma pessoa qualificável como “mais uma pessoa” a cada vez diferente, como você exemplificou na sua experiência; da qual você estava apto a testemunhar, já que sabia que pessoa tinha em mente, tendo, por isso, enumerado certo número delas? Penso que, de vez em quando, Freud estava presente, já que se tratava de formação teórica, mas você não o citou. Eu compreendo, certamente, seu controle (“*controleur*”) ou qualquer outra pessoa, mas você tinha a sensação de que, no discurso dos outros, se

dava o mesmo? Eu diria que o discurso dos outros girava em torno de um eixo não urgente; seria sob esta forma que o “mais uma” se apresentava?

Pierre Kahn – Sim, posso dizer que sim, talvez apressadamente, já que falo em lugar deles. Parece-me evidente, dentro da estrutura que já ocupava um lugar. O que gostaria de acrescentar, todavia, é o seguinte, e é por isto que digo que me parece evidente: as pessoas que estavam lá, em presença, se esforçavam para isto: neste trabalho de leitura e de comentário, no sentido que contei há pouco, eles se esforçavam para conseguir o que poderíamos chamar, retomando a sua expressão, uma palavra plena, e, em consequência, é evidente que, além dos interlocutores fisicamente presentes com quem discutiam, eles se dirigiam a alguém. Este trabalho, então, se fazia com alguma coisa que, me parece, pagava um preço; é que as pessoas presentes não ocultavam muito o que podia estar implicado de sua posição subjetiva em relação ao texto que estudavam. Que seja um texto seu, um texto de Freud, já que você o mencionou há pouco, etc.

A pergunta que faço, a partir do que Martin nos lançou há pouco, é a seguinte: nesse trabalho, que foi para mim satisfatório, que diferença teria sido introduzida se a “mais uma” que estava lá imaginariamente tivesse sido não uma pessoa imaginária, mas uma pessoa real?

Sem poder acrescentar muito mais sobre isso, quero simplesmente falar da minha convicção de que certamente teria havido uma mudança no trabalho, se a pessoa “mais uma” fosse outra coisa que a pessoa imaginária que cada um trazia. Diferente do ponto de vista de uma maior aproximação ao objetivo proposto nesse trabalho, que era chegar, com todos os balbuceios que isto implica, a uma palavra plena.

Jacques Lacan – Sr. Alfandari, diga-me o que pensa sobre o que acaba de dizer Pierre Kahn.

Talvez você tenha pensado no funcionamento efetivo do cartel, o que me parece ser um ponto capital para dar um estilo analítico às suas reuniões, porque este “mais uma” sempre se realiza. Sempre há alguém num grupo, mesmo que seja por um momento. Já é bom quando algo acontece e, ao menos por um momento, alguém detém as coisas<sup>4</sup> e, sobretudo, num grupo pequeno como este. Habitualmente, isto se torna um

---

<sup>4</sup> Expressão francesa : “...*quand la belle passe, qu'au moins pour un moment on tient la balle*”.



hábito em geral: é sempre o mesmo, e acaba nisso sem medir as consequências. Eu diria que todo mundo está muito contente com que haja alguém que atue como aquilo que nós chamamos comumente de líder, aquele que conduz, o Führer.

Maurice Alfandari – O que disse Kahn me lembra um pouco o que eu senti nesse grupo; me parece que, num cartel, existem dois obstáculos: um, não há coisas suficientes em comum para que ele se mantenha; e o outro é uma espécie de efeito imaginário de grupos que bloqueia tudo. Mas é só agora que digo isso. Eu nunca tinha pensado assim antes. Acontece que esse grupo é um grupo clínico, porém as mesmas pessoas desse grupo clínico se encontravam num grupo que não era clínico, que estava centrado sobre o estudo de outra coisa, da matemática...

Jacques Lacan – Vocês eram o quê? Vocês eram um grupo já esclarecido (“*decrassé*”) matematicamente, se podemos dizer? Porque é verdade, é preciso passar por isso para saber como é que é, quero dizer, ter tido pelo menos um esboço de formação matemática. É muito especial, é muito específica a formação matemática.

Maurice Alfandari – É difícil responder sobre o grau de sujeira (“*crasse*”) que tínhamos; eu acho que alguém entre nós estava bastante avançado, mais que nós, e depois havia o nosso professor, que estava longe de tal sujeira. Nosso professor era alguém apto para nos levar por essa via; o grupo já dura dois anos. Então, eram quase as mesmas pessoas nesse grupo teórico, matemático, e no grupo clínico. Penso no grupo clínico, onde acho que os efeitos não são visíveis, não se pode delimitá-los muito facilmente, mas simplesmente se pode delimitá-los pelo fato de que, para mim, por exemplo, não era possível levar nada a certo nível de elaboração fora desse grupo. Isto era impossível para mim, mas eu não saberia dizer em que momento: é a função, na verdade, do grupo.

Jacques Lacan – Quando os matemáticos se juntam, há, necessariamente, esse “mais uma”. Quero dizer que é verdadeiramente incrível, mas os matemáticos não sabem do que falam, mas sabem de quem eles falam; falam da matemática como se fosse uma pessoa.

Poderia se dizer, até certo ponto, que o que eu chamava de meus votos era o funcionamento de grupos – que funcionariam como funciona um grupo de matemáticos qualquer.

Michel Fennetaux – Gostaria de dar meu parecer porque trabalho no grupo de que falou Alfandari. Na verdade, eu nunca me tinha perguntado sobre o “mais uma”, mas posso dizer o que ele me faz pensar, já que disso se trata.

Jacques Lacan – Isso lhe faz pensar o quê?

Michel Fennetaux – O “mais uma” é, por um lado, o efeito do grupo, ou seja, como disse Alfandari há pouco, o fato de poder reencontrar periodicamente certo número de pessoas permite, me permitiu, aprofundar ou poder formular certo número de coisas sobre a minha experiência, que eu não conseguiria fazer só. O segundo sentido que vejo atualmente nesse “mais uma”, é que, efetivamente, eu acho que, num grupo, um de nós assume, muitas vezes, provavelmente por sua experiência mais extensa, esta posição de líder de que se falou há pouco. Enfim, há um terceiro sentido; teríamos que falar antes de uma “menos uma” que de “mais uma” da seguinte maneira:

Nós nos encontramos entre pessoas que têm entre si uma relação de confiança e que podem falar deste fato, como disse Kahn há pouco, indo bem longe no seu relacionamento na prática; esse “menos uma” é, no fundo, a ausência de supervisor, quer dizer, a ausência deste efeito de sideração que há nos grupos mais importantes formados por pessoas cujo nome é conhecido na Escola, e onde tem muito mais importância que num grupo pequeno o problema de reconhecimento. Num grupo pequeno, como o cartel, a demanda de reconhecimento pelos outros é, em grande medida, anulada. É por isso que o terceiro sentido de “mais uma” eu definiria melhor como “menos uma”.

Laurence Bataille – Eu já participei de um bom número de grupos que não eram justamente cartéis, e acho que essa pessoa que tem, digamos, um *status* diferente, que não chega a ser semelhante, se encarna sempre numa das pessoas do grupo. Não tenho a impressão, no entanto, de que seja um líder, e, sim, de que há uma pessoa no grupo a quem a gente se dirige, a quem se faz testemunha de alguma coisa, e de quem se espera efetivamente uma espécie de aprovação; mas, na realidade, isto não cumpre o papel que deveria cumprir, quer dizer, que esses grupos acabem sempre – enfim, eu digo sempre... – então o “mais uma” muda, porque se espera esta mudança de um outro. Eu também experimentei isso, realmente, de maneira completamente evidente, e quando falei disso num dos grupos, porque

tinha a impressão de que eles também se dirigiam a uma pessoa em particular, que não era a mesma para todos, parecia que sonhei ou imaginei que eles olhavam sempre para a mesma pessoa quando falavam.

De repente, vamos fazer um grupo, e a gente diz que este “a mais”, poderíamos fazê-lo funcionar impondo, no fim de cada reunião, a escrita do que foi o essencial, mesmo que seja só uma frase, e que isso ficaria como testemunho, se podemos dizer, e que faria com que o trabalho avance, e não se dilua em pequenas ideias que não podem se desenvolver. Não sei se isto pode cumprir este papel, porque a gente deve se reunir segunda-feira próxima pela primeira vez.

Jacques Lacan – Eu te agradeço.

Sol Rabinovitch – O que gostaria de dizer sobre o cartel em que trabalhei é que éramos cinco, cinco membros que nunca faltaram; houve um sexto que faltou muito e que, além disso, foi substituído por outra pessoa, que faltou muito também.

O que gostaria de dizer, sobretudo, é que isto não me parecia ser a função do “um a mais”, mas, pelo contrário, a função do “mais um” que era sustentada justamente pelos membros presentes e que não faltaram nunca naquele grupo, quer dizer, como uma função que seria a do ponto cego, uma função de desconhecimento; há sempre, num determinado momento, alguém; nunca é claro, o mesmo; sempre é alguém que está lá, que diz: eu não entendo nada, isto não serve para nada, não estamos produzindo...

Jacques Lacan – É isso o “mais uma”? Aquele que não entende nada? Por que não? (risos).

Sol Rabinovitch – É alguma coisa assim, mas preciso que seria uma função perfeitamente intercambiável; é um papel que se desloca. Teríamos que articular isto com o fato de que o trabalho de um cartel é um trabalho analítico, portanto há transferência; é tudo o que queria dizer.

Alain Didier-Weill – Tenho uma ideia sobre esse “mais uma” em relação a esta pergunta: por que diferentes cartéis de que participei não alcançaram o objetivo que achávamos justo alcançar no começo?

Tomemos o exemplo de um cartel onde se faz um comentário de texto: pode-se dizer que o que nos reúne, nesse caso, é que estamos

situados num contexto metonímico e que, neste contexto, devemos suportar a palavra de um Outro, Freud, Lacan. Nesse contexto metonímico, o que se tornará o ser falante?

Pela primeira vez, me ocorre que, talvez, o “mais uma” seria alguém que tem relação com o passador (“*porteur*”): o “mais um” poderia ser o lugar onde está, no esquema L, o S, quer dizer, o testemunho de um atravessar possível do eixo a-a’, de um atravessar possível que vai de A a S.

Em outras palavras, o “mais um”, se ele ocupa este lugar de S, não seria, seguramente, um sujeito suposto saber, mas um sujeito que testemunharia que isso passou, que a mensagem passou, que houve metaforização, que foi reencontrado, além daquilo que se recebe como adquirido (dessas “ideias recebidas” que Flaubert acumulava no seu dicionário de “ideias chiques”); o ponto nevrálgico de onde esse contexto metonímico surgiu de um texto inaugural metafórico.

Juan David Nasio – Partirei da experiência de dois cartéis dos quais participo, experiências diferentes, mas que, em relação às questões do “mais um”, esse “mais um” está nos dois casos presentes.

Jacques Lacan – Está sempre presente, mas sempre desconhecido.

E é o que eu queria sugerir nesse pequeno texto; é o que os analistas poderiam perceber; ele é sempre desconhecido porque isso é o Outro do Outro. Esse “mais um” está sempre presente, sob formas diferentes onde ele se encarna; o caso do líder é manifesto, mas os analistas poderiam perceber que, no grupo, há sempre um “mais um” e dirigir sua atenção para isso.

Juan David Nasio – Não sei se vocês estarão de acordo em se apoiar numa das fórmulas lacanianas mais conhecidas, ou seja, que o desejo do homem é o desejo do Outro. O “mais um” é aquele que sustenta, no grupo, o desejo do Outro. Sustentação do desejo que pode ser feita de mil maneiras, falando, calando-se, emprestando a sua casa para a reunião etc. Há mil maneiras de ser o “mais um”. Mas há outro modo de prestar contas. Pensando no conteúdo do cartel, eu penso no saber do analista. O saber do analista, se é válida a hipótese de que é isso que está em jogo no cartel – falo dos cartéis de analistas –, pois não se deve esquecer de que há cartéis

em que não há analistas. O saber do analista é um saber compartilhado, mas não um saber para intercambiar. Acho que é uma das nossas fórmulas. Esta ideia de compartilhar faz referência ao fato de que só há analistas. Seria aí que eu me uniria – não sei se Alain Didier estaria de acordo – à sua ideia de metonímia. Eu falaria, mais precisamente, sobre a sucessão das séries; em relação a um analista, haverá sempre um outro, um “mais um”. Se há dois, haverá um terceiro. Nesse momento, haverá quatro. Em suma, sempre haverá um que estará presente a mais, e esta presença, eu a colocaria como a presença daquele que sustenta, no trabalho do grupo, o desejo do outro.

Jacques Donnefort– Eu gostaria de tomar como exemplo o que aconteceu num grupo que funciona há dois anos. No reinício, este ano, uma pessoa “a mais” entrou no grupo, e nos propusemos a contar-lhe, de alguma maneira, o que se tinha elaborado no grupo nos dois anos anteriores; nos sentimos aborrecidos de ter que prestar contas. Chegamos, nesse momento, a pensar: “Parece tão difícil como se tratasse de falar da própria análise”.

Digo isto porque, efetivamente, nos fez pensar no passe, o que, curiosamente, teve um efeito – esta pessoa que veio a mais, não que seja ela a “mais uma”, mas assumiu esta função pelo que acontecia nesse momento, nesse grupo – isto teve um efeito notável; pouco a pouco, no grupo, no ‘se tornava um cartel’, me parece, as pessoas começaram a falar sobre sua análise, sobre sua própria análise, e a tomar como exemplo, eventualmente, alguma coisa que se dizia num plano mais ou menos teórico – é um grupo que trabalha em torno da pulsão – a exemplificar, de certa maneira, a partir do que sucedia em nível de sua própria análise.

E nesse sentido é que chegamos ao que foi dito sobre a função do passador e sobre a presença do analista, e nesse grupo nos encontramos de repente na posição do analisante.

Colette Soler– Queria dizer ainda outra coisa: no fundo, eu faria a hipótese de que, se há sempre um “mais um”, existe, talvez, interesse em que este não esteja encarnado no grupo. Porque quando está encarnado no grupo, realmente isto funciona na forma de um líder com todas as...

Jacques Lacan – Não é seguro que seja sempre tão simples...

Colette Soler– Pensei isso a partir do cartel em que estava, eu me perguntei muitas vezes quem era o líder, no grupo, e nunca consegui responder. Quer

dizer, não creio que, na verdade, houvesse uma pessoa nessa posição, mas, pelo contrário, havia aí uma referência, e já disse que se situava ao lado do teu *nome*; eu disse *nome* justamente para indicar que é por isso que a coisa funcionou, porque um nome, no fundo, não responde, e é isso que permite que funcione.

Georges Botvinik – São justas tais reflexões. Opõe-se, na verdade, o “mais um”, que estaria encarnado, ao problema do líder; parece-me que isto insiste como uma dificuldade para as pessoas, e para mim também. Por outro lado, o “mais um”, que seria um nome ou – eu diria – uma palavra, quer dizer o elemento comum no discurso, ao redor do qual o grupo se reúne para trabalhar: no fundo, um grupo se forma ao redor de uma palavra, um tema, e, finalmente, é uma palavra que não responde. Não responderá jamais. Para mim, o “mais um” evoca, assim, o “mais-de-gozar”.

Existe uma questão que me parece importante, e que não foi tratada: é a questão do trabalho. Não quero aprofundar demais esse problema. Escutei esta expressão “temos que produzir”. Não me parece que se possa resolver esta questão do “um a mais”, seja o que for, por outro lado, que seja encarnado ou não, se perguntarmos pelo problema do trabalho, de por que se trabalha, e a relação que isso tem com o desejo e o gozo (“*jouissance*”). Estes são comentários.

Guy Laval – Eu gostaria de falar de um cartel que existe há pouco tempo, que surgiu de um seminário de Clavreul. Digo bem: que surgiu, o que mostra que houve uma necessidade a partir de certo momento. O seminário terminava, se desfazia. Não se mantinha mais, se pode dizer. Finalmente, num momento dado, apareceu a necessidade de constituir uma coisa diferente; isso recebeu o nome de cartel, e a primeira necessidade que se impôs a mim, eu não a chamaria de “mais uma”, porém me parece dessa ordem: a primeira necessidade era a de ter uma pessoa sobre quem eu pudesse me apoiar para falar.

Era, para mim, talvez, a primeira função “mais uma”; mas Clavreul me frustrou, designando-me como responsável pelo cartel, responsável, e, não, líder, ele o precisou bem, já que se trata de um cartel sobre as entrevistas preliminares, e eu tinha feito um trabalho sobre isso. Tendo sido designado, de repente, eu não tinha mais esse apoio de que precisava dentro do cartel.

Isso, contudo, não quer dizer que não ficara certa necessidade, e me parece que essa necessidade provinha mesmo do mal-estar que sentíamos todos diante do desfiar, pode-se dizer, o discurso nos últimos tempos desse seminário.

Nas primeiras reuniões do cartel sobre as discussões preliminares, continuou havendo esse desvanecimento; por outro lado, era como se houvesse certa necessidade, e creio que o primeiro nome que se pode dar a esta necessidade é necessidade de formulação.

Acontece que, num cartel, muito facilmente se conversa em grupo, já que é mais fácil. Somos em menor número, começa-se a falar mais facilmente, mas pode acontecer de não se chegar a nada, pode se tornar uma reunião entre amigos, que se gostam, que podem se falar, porém me parece que a primeira necessidade (e isto seria, talvez, também de ordem do “mais uma”) é uma necessidade de formulação que pode ser escrita, que pode ser transmitida ao grande grupo e que, talvez, por isso, possa se reconstituir de vez em quando, e acho que isso chega um pouco mais longe, até sobre alguma coisa que não sei articular muito bem, a qual você chamou o matema. Quer dizer, me parece que, muito facilmente, um cartel pode muito bem constituir uma espécie de pequeno grupo esotérico que, afinal, não dá respostas a nada, não tem que prestar contas de nada. Acho que o que você articulou como matema pode, também, remeter a esta necessidade do “mais uma” do cartel.

Roudi Gerber – Gostaria de contribuir com uma analogia que eu tiraria do alpinismo: quando se tem três pontos de apoio, se pode, na verdade, permanecer nesses três pontos para, finalmente, se esgotar e morrer.

O quarto ponto permite passar e obriga a passagem, o que quer dizer que, desde que se tem o quarto ponto, você é obrigado a ir além, e eu me pergunto se o “mais um” não é aquele a quem o cartel demanda poder testemunhar essa passagem.

Jacques Lacan – Eu estou aqui para uma função bem precisa; ela seria esta coisa que eu escrevi, e que ninguém certamente percebeu, porque não é

mais que um esboço (“*graphouillage*”<sup>5</sup>): colocá-la, de alguma maneira, no que vocês representam como lugar público, e interessar-lhes pelo assunto. Quero dizer, com isso, que, depois de tudo, vocês chegam à ideia de que isso é uma pergunta (“*question*”). É uma pergunta, certamente, que eu só coloco porque tenho a resposta, e tratarei de dizê-la em seguida; quero dizer o mais rápido possível, claro. Não tenho tantos seminários pela frente este ano, portanto, vou tentar fazê-lo.

Mas acho interessante que a questão (“*question*”) esteja presente na Escola porque pode ser considerada, talvez, como o que eu pretendia fazer com este texto, como o ponto nodal para a formação de um pequeno grupo, e o fato de ser pequeno é essencial para seu funcionamento. Se eu disse que não podia passar de seis, foi pelas melhores razões, por razões teóricas, porém profundas. A tarefa de um grupo muito amplo comporta limitações tais. É o que eu penso, pelo menos: que não há grande coisa a se esperar para um progresso real sobre os efeitos da análise.

É isto que me inspirou quando fiz essa Ata de Fundação, à qual não tenho nenhuma razão de pensar que vocês deviam ser, por princípio, resistentes; não vejo em absoluto o que poderia motivar essa resistência, sobretudo se o que tratei de obter de certo número – pelo que agradeço a todos igualmente –; o que tratei de obter de certo número: pô-la na ordem do dia.

Haverá uma reunião amanhã de manhã que dará prosseguimento a de hoje.

(A sessão é suspensa).

## II – Sessão de grupo do domingo de manhã

“Do “Mais uma”” (Continuação)

---

<sup>5</sup> Aqui Lacan utiliza o neologismo “*graphouillage*”, composto por “*grapho*”, escrita, grafia, e “*fouiller*” – escavar, rebuscar, explorar, examinar etc. Lacan já havia utilizado no seminário de 10/03/1971 (*D'un discours qui ne serait pas du semblant*). A tradução por esboço é aproximada. (N.T.)



Jacques Lacan – Estou muito interessado pelo que foi iniciado ontem, em torno da função dos cartéis, e ficarei reconhecido a quem retomar o que dissemos.

Juan David Nasio – Minha função, hoje, se limita a coordenar este grupo sobre a função dos cartéis. Eu lembrarei simplesmente que a definição de cartel, na Ata de Fundação, comporta certas características:

1 – o cartel é o lugar de compromisso com a Escola Freudiana.

2 – o cartel deve sustentar um trabalho de elaboração que, como trabalho crítico, concerne, me parece, ao saber do analista, por um lado, e à experiência analítica mesma.

3 – Enfim, o cartel tem uma estrutura bem definida.

É sobretudo este último aspecto que foi discutido ontem. Dessa estrutura, se concluiu que a “mais uma” pessoa que compõe o cartel é uma pessoa presente e desconhecida.

Jacques Lacan – No entanto, sugerimos que essa pessoa, que é, de alguma maneira, o eco do grupo, existe em todo funcionamento de grupo, só que ninguém pensa nisso, e seria conveniente que os analistas não a desconheçam, porque parece que existe desde o início. Três *faciunt ecclesiam*, diz a sabedoria das nações, e isso vai longe: por que há esse surgimento de três?

O que gostaria é de ter, como ontem, algumas respostas; respostas que testemunhem que, pelo menos, algumas pessoas já pensaram nisso. Há o chamado Pierre Kahn, por exemplo, que interveio ontem e que teve a gentileza de me acompanhar à minha casa depois dessa pequena sessão e que, nesse curto tempo, me provou que ele vê muito bem a relação que isso tem com a análise. Isso implica já, pelo menos, uma pessoa.

Juan David Nasio – Prefiro lhes passar a palavra.

Huguette Ménard – Estas são algumas reflexões a partir da reunião de ontem à noite. Participar de um cartel é se comprometer com um trabalho, uma produção, em suma, uma mais-valia, e, por que não, um gozo, gozo efêmero? Um tempo, se toma como testemunha, como se falou ontem à noite, uma pessoa, o analista, o controle, o amigo o qual se supõe saber

mais sobre a psicanálise. Ele é colocado na posição de líder, mas o caminho é curto e nos conduz a perceber a ilusão da qual devemos nos desprender.

No entanto, comprometer-se num cartel é um momento, um pivô, uma balança. Há algum tempo uma paciente me repete: “É necessário que eu me inscreva num cartel”, agregando: “mas é mais doce continuar a sonhar minha vida”. Eu acrescentaria: é doce o duro desejo de dormir.

O trabalho em cartel participa de uma maiêutica e continua, com efeito, *a posteriori*, o trabalho da análise, primeiro, e da práxis, depois. É o mesmo processo dialético. Como tentar se tornar analista sem participar de um cartel? É uma necessidade implacável. Por outro lado, é o que foi dito e escrito na Ata de Fundação da Escola. Um trabalho que evoca aquele das Danaides: tentar encher o vazio, a falta.

Uma pergunta, então, sobre o “mais uma”. É a presença ausente da morte que nos joga no encantamento da linguagem? Mas, atenção! Não se trata de ficar nas palavras, de falar, como se diz, à toa. Um trabalho só pode ser uma produção, a do escrito que se expõe onde a gente se expõe.

José Guey – Gostaria, primeiro, de dizer o que não consegui dizer ontem à noite, e não é só uma alusão no ar. Acrescentaria que, no que me concerne, no congresso de Montpellier, eu tinha preparado um trabalho sobre a questão.

Naquele momento, em relação à pessoa “mais uma”, eu não podia dizer nada, mas o que me assombrou na Ata de Fundação e sobre a “verdadeira transferência do trabalho”. Você escreveu, neste texto, que somente pelas vias dessa “transferência de trabalho” pode ser transmitido, de um sujeito a outro sujeito, o ensino da psicanálise. Ontem, na discussão, me pareceu que se girava em torno do que acaba de lembrar Huguette Ménard, ou seja, do sujeito suposto saber.

Farei referência ao nosso cartel de Marselha, que é mais precisamente uma reunião de cartéis, e que foi promovida por Zlatine; eu o cito porque foi ele quem o organizou, e tenho que dizer que, desde o início, ele apareceu como o sujeito-suposto-saber, que era suposto saber mais disso que os outros.

Há uma regra nesse cartel, que é a de produzir um trabalho; quer dizer que não se trata, como se fez referência, de uma discussão à toa, mas, assim como as pessoas da Escola se comprometeram com um trabalho, as pessoas dessa reunião de cartéis, que não eram todos membros da Escola, aceitam essa regra de produzir um trabalho, e isso conduz a um trabalho escrito, que não é, seguramente, acessório. Essa regra, que regeu nossas reuniões, teve como resultado certo número de textos.

E é uma experiência dialética de discurso, a partir de textos que foram combinados antes, sejam textos de Freud ou de Lacan, e comentários que se produziram.

Poderíamos dizer que, a partir desse trabalho, houve um progresso. Gostaria de assinalar que existe uma sucessão de enunciados diferentes referidos aos sujeitos da enunciação, mas, também, em relação aos enunciados que se acrescentam há cinco anos.

Isso implica, também, efeitos de resistência, e é por isso que eu citava meu trabalho de Montpellier, trabalho que eu tinha redigido e comunicado aos membros do cartel, mas que não tinha comunicado na Escola, com o falso pretexto de que isso não interessava a ninguém e, por outro lado, que minha formulação era ainda insuficiente.

Pierre Martin – Com o único fim de retomar a discussão, eu queria lembrar o que me chocou pessoalmente na leitura da Ata de Fundação. É o número três. Ontem, eu sublinhei a “mais uma” pessoa. Hoje, eu gostaria de destacar o que, repito, prende minha atenção há bastante tempo, que é o número três dessa Ata de Fundação. Assinalaria no segundo parágrafo, o que se poderia fixar sobre o trabalho que a Escola deve cumprir, onde o autor faz três propostas. Eu as citei ontem. Essas três propostas são seguidas pela organização de três seções. Cada uma das seções inclui três subseções.

E direi, para terminar meu dizer atual, mas de maneira alguma para tirar uma conclusão sobre o que provoca estas preocupações, que, no centro deste número três, o que retém minha atenção é o “mais uma”.

Nicole Levy – Alguma coisa me incomoda e eu gostaria de comentá-la. Trata-se de uma espécie de abuso, de uma distorção quando, a propósito do “mais um”, se fala, agora, de “mais uma”. Claro, isso pode querer dizer

“mais uma” pessoa, mas eu me perguntava se é disso que se trata, se se trata de uma pessoa, como se diria “mais um” membro do grupo, e eu me questionava se o “mais um” não funcionaria para nós como um significante.

A esse respeito, pensava que, no seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, Lacan introduz, desde a abertura, um outro sob a forma do “eu não busco, eu encontro” que preside, de alguma maneira, à instauração dos quatro conceitos fundamentais. E isso que ele denomina o achado, isso a que ele se refere, não poderíamos entendê-lo no mesmo registro que esse “mais um”, ou seja, como algo da ordem do significante? Poderíamos dizer um significante que funda o desejo, do mesmo modo que podemos nos lembrar que esse “mais um” se escreve a partir e numa Ata de Fundação.

Gennie Lemoine – Eu gostaria de depor sobre o trabalho feito desde a reunião de Montpellier no nosso seminário. Reencontramos, naturalmente, o caminho que conduziria aos “três” de Martin. Com o anúncio desse seminário se formou uma multidão e nos esforçamos por fazer nele um trabalho analítico. A primeira intervenção foi no sentido de organizar um grupo menor, deslocando-o para que só as pessoas interessadas pudessem comparecer. Isso foi o grupo das terças-feiras, onde constituímos, finalmente, depois de três anos de trabalho, o que poderia começar a parecer um cartel. Logo depois, num dos cartéis de quatro pessoas, foi dito que cada um acabou falando de sua análise, e que então esse trabalho não podia ser levado à sessão plenária. Mas se falou também que o trabalho do cartel era justamente chegar a que cada um deixasse de se expor, ou que não tivesse a sensação de arriscar a vida cada vez que se fala da própria análise, porque se chega a certo nível de teoria que se transforma, justamente, nesse terceiro termo que faz com que o trabalho do cartel permita a cada um passar ao outro lado, ou, pode-se dizer, enfrentar a castração sem risco de morte. É esse o trabalho analítico de nossos cartéis: chegar a dar certo passo e fazer um trabalho analítico. De tal maneira que esse terceiro termo me parece ser simplesmente um analista.

Nosso trabalho foi transformar esses grupos em cartéis. Demoramos mais de três anos. Agora... em quarenta ou cinquenta pessoas, há, talvez, dois pequenos grupos que parecem cartéis: um de quatro pessoas e outro de

cinco. E somente um desses dois pequenos grupos perguntou sobre o fato de um sujeito se expor quando fala.

Eu retomo o termo de Mme. Ménéard. O problema é que não se expõe mais porque se fala de um terceiro, ou se tem o lugar de um terceiro, que é um outro grau, o grau da teorização.

Nicole Pepin – Num trabalho de cartel, já que se trata de um trabalho psicanalítico, o que importa é encontrar a mesma estrutura de um trabalho psicanalítico, ou seja, que a estrutura do inconsciente seja mantida.

Em relação ao número de participantes, o número mínimo, obrigatoriamente, seria três. O “mais um” me parece muito importante, mas que sejam cinco ou seis, no meu ponto de vista, não tem importância, salvo que dentro dos três haja a mais aquele que possa cumprir o papel de “o um a mais”.

Esse papel de “o um a mais”, o que é? Para que vai servir essa pessoa agregada aos três? Para mim, quando penso nesse número três, sempre é o simbólico, o real e o imaginário, que funcionariam numa relação de triangulação edípica. O importante, num cartel, se situa não só ao redor da escolha do tema do trabalho, mas também, e, talvez, mais ainda, ao nível da escolha dos participantes.

Porque, para que haja trabalho psicanalítico, é necessário que as pessoas escolhidas não sejam quaisquer pessoas. Não penso que quaisquer pessoas possam obter esse lugar, que vai permitir elaborar o discurso psicanalítico. Porque se tratará, aí, de um discurso psicanalítico. Pode-se ver quando as pessoas se impuseram, como foi colocado ontem por alguém que dizia que havia sido nomeado como responsável por um subgrupo. Ele havia precisado que, a seu ver, nesse caso, nada podia funcionar.

O que não fica ainda muito claro para mim é o papel exato que cumpriria a pessoa a mais. De acordo com as experiências que tive até agora dos cartéis – e foram tão fugazes! (na medida em que, até agora, eu não tive a impressão de que as condições necessárias para o funcionamento de um cartel tenham sido respeitadas) –, eu acho que esta pessoa a mais é aquela que vai permitir a busca da coisa, que vai permitir essa articulação, e vai fazer com que haja sempre o desejo de achar de novo a coisa que será mantida no grupo.

Mme X... – Não entendi por que ontem se fez uma diferença entre os grandes grupos e um grupo mais restrito. Se os grupos de matemáticos tinham uma ideia do modo de funcionamento possível dos cartéis, como pode ser que as regras lógicas que funcionavam para os cartéis não sejam aplicáveis ou extensíveis a grupos integrados por mais que um número limitado de seis pessoas?

Gennie Lemoine – Pela razão que creio já haver dito. Se passa do trabalho da análise própria, da qual se fala num grupo pequeno com a sensação de se expor, a um nível em que não se arrisca mais e onde se pode passar ao grupo grande, se se quer, e, ainda assim, não vejo nenhum interesse. Isso acontece de uma maneira ou de outra. Mas, a princípio, é essa passagem que se deve assegurar, e isso só pode ser feito a partir do pequeno grupo de três ou quatro. Não se pode de entrada falar da própria análise numa multidão.

Mme X... – Eu tinha a impressão de que, quando regras lógicas não se impunham à estruturação de um grupo restrito, eram válidas para um grupo pequeno e não para um grupo maior, e, que, fazendo, estabelecemos uma diferença entre esses dois tipos de grupos, diferença que, mesmo no campo da psicologia social, que se interessa por grupos, não se reconhece; nesse momento, não se tinha meios críticos ou de elaboração e construção do grupo grande.

Gennie Lemoine – Por que você quer construir o grupo grande?

Stephane Di Vittorio – Essa é a questão: por que construir o grupo grande? Se eu posso mencionar algumas reflexões que fiz desde ontem, o que mais me abriu certa luz sobre o cartel é esta evocação do grupo de matemáticos. Lacan nos disse ontem que, se os tomássemos como exemplo, eles tinham aquela noção do “um a mais”.

O controle não é, tampouco, uma situação onde se fala da própria análise. Na situação de controle, isso de que se fala é, de certa maneira, limitado a uma relação especial, que é o que sucede entre o paciente e o analista. Será que o cartel não é também uma coisa que implica um assunto bem delimitado, que é o compartilhar de um saber ser?

Há toda uma série de perguntas que eu faço. A única que não respondi é aquela do limite superior que se debate nesse momento.

Constato que a outra questão que aparece é esta: não se pode fazer um cartel com qualquer um. Eu acho que é porque não se pode compô-lo com pessoas que são muito próximas, nem com pessoas que estão longe demais. Porque o que se trata de compartilhar é esta produção de discurso necessária, e tenho a impressão de que, se, num cartel, há alguém que lhe seja muito próximo, você não pode compartilhar esse saber que não quer comunicar aos outros, por exemplo.

É por isso que a expressão de Lemoine: se expor, expor a própria análise... será que num controle se expõe a própria análise? Não se expõe. Isso só acontece se relacionamos de maneira incidental o que se passa entre tal paciente e tal analista. Mas um controle não foi nunca identificado com uma análise, e penso que é no mesmo sentido que, por exemplo, se dizia em Roma: o controle adquiriu na Escola Freudiana uma dimensão que não tinha antes, que não tinha em nenhum outro lugar. Penso que é nessa linha que o cartel se inscreve também. O cartel é uma invenção específica da Escola Freudiana. É na linha deste desenvolvimento do controle, mas apoiado sobre outra coisa, quer dizer, sobre o discurso científico. Por que os matemáticos têm a impressão tão evidente de que há alguém a mais? Porque eles estão certos de que o discurso matemático é necessário, que está aí e que cada um tira o que recebeu dele. Será que o cartel não consiste, também, em fazer surgir um discurso necessário, a partir do qual as pessoas se encontram várias vezes, sucessivamente, e não de uma vez por todas, dizendo: “é isso o que sabemos da questão”? Elas vivem, e como elas se escolheram de certa maneira, essa maneira não é muito esclarecedora neste momento, já que Gennie Lemoine dizia que não se pode fazer um cartel com qualquer pessoa. As pessoas se escolheram para fazer um cartel, o que quer dizer que elas compartilham esse saber que aflora sobre um tema. E como existe aí uma espécie de filiação, pelo menos no tempo, isso talvez não valha grande coisa, mas a análise veio depois de alguma outra coisa, talvez do discurso da histórica. Historicamente, os controles vieram depois. A pergunta que eu me faço é: depois dos cartéis, se pode conceber alguma outra coisa?

Juan David Nasio – No texto de anuário o cartel não é nem o lugar do controle, nem o discurso analítico, o que quer dizer que ele não é a prática analítica. Também não é o que se poderia chamar de um lugar de base. O cartel tem uma especificidade muito própria, e diria até que ele produz as

especificidades da Escola Freudiana, pois o primeiro que aparece é que ela é a primeira sociedade psicanalítica que funciona com uma estrutura que se chama estrutura dos cartéis, apesar de que falta ainda verificar esta atividade.

Em todo caso, a Escola Freudiana e sua unidade de estrutura – os cartéis – é uma experiência nova. Na Ata de Fundação, a palavra que se deve sublinhar é a palavra *Ata*. Eu diria que, na Ata de Fundação, o cartel se institui como um ato,<sup>6</sup> quer dizer, como algo novo no real das sociedades psicanalíticas. Sobre esse ponto, penso que o cartel não está longe do que vai, como real, sustentar uma sociedade de psicanálise.

Edmond Sanquer – Há sete anos trabalhamos sobre psicose-instituição; somos seis, que se escolheram entre si, se conhecem perfeitamente bem e têm sensivelmente a mesma forma de trabalho. Pois penso que, num cartel, o que funciona é um trabalho no nível da paixão, paixão apaixonada e passional; quer dizer que o “mais um” é com frequência aquele que ou é o sujeito do ódio do resto do grupo, ou o sujeito do amor do grupo. Mas, muitas vezes, isso só se percebe posteriormente. No momento do funcionamento do cartel, isto não aparece nunca na primeira leitura.

Hugo Freda – A partir das observações de M. Martin sobre os “três” no texto, pensei, em seguida, que três mais um é, afinal, a própria estrutura de todo o discurso analítico. Penso até que ponto, pela maneira de trabalhar, pela maneira em que acontece um trabalho de cartel, que o determina, penso que é, sobretudo, esta estruturação de 3 + 1 toda a estruturação do discurso analítico feito por Freud.

É que 3 + 1 é quase a estruturação, no conceito, no número da estruturação edípica. Penso que, afinal, o possível funcionamento, se tem alguma coisa de novo, é uma concordância muito precisa entre a maneira de escrever 3 + 1 nas Atas de Fundação da Escola e a própria estruturação do discurso analítico. Isto é uma parte.

Penso, também, associando, em uma palavra que Lacan usa no seminário sobre as Formações do Inconsciente, onde fala dos “sem signos”. Até que ponto esta formulação, nas Atas de Fundação da Escola, este tipo de escrita (uma coisa que foi escrita é, na verdade, muito importante)

---

<sup>6</sup> Em francês, *ata* e *ato* têm a mesma escrita, “*ate*”. (N.T.)



funciona como uma insígnia, alguma coisa a que faz referência a formação do analista. Isto quer dizer que fazer referência a uma coisa escrita é realmente muito, muito importante, na própria teoria analítica. Penso que tentar encontrar aquilo a que se faz referência, quando se fala de três mais um é, na verdade, dirigir-se diretamente ao próprio discurso analítico na sua própria problemática interior.

René Ebtinger – Na Ata de Fundação, se eu li bem, Jacques Lacan propõe uma estrutura que deve ter uma função: o trabalho. Vou retomar uma distinção que já fiz há alguns anos, aqui mesmo, na Casa da Química, mas que me parece necessária lembrar: trabalho e produção, muitas vezes estes termos vêm indiferenciados, ou estão numa relação de subordinação: é necessário trabalhar para produzir.

Se pegarmos três termos: trabalho, produção, “mais um”, poderíamos formular uma questão: o cartel é um lugar de trabalho? É, creio, uma evidência que nasce da definição do ato constitutivo destes cartéis; mas é necessário que produzam, ou a produção pode ser considerada como uma coisa que se somaria eventualmente?

Como outra coisa na análise se soma ao nível do trabalho escrito, de uma publicação, mas um trabalho, como eu o concebo, isto é, no sentido de Leistung, que não tem tradução, mas que se pode tomar como desempenho (“performance”) e que, por minha parte, eu o entenderia no sentido de um funcionamento do aparelho psíquico.

E, para se atestar que alguma coisa funciona com o modo do aparelho psíquico, a pessoa “mais um” pode ser necessária para testemunhar, para ser a testemunha, *testis*,<sup>7</sup> sem a qual se corre o risco de desaparecer no imaginário, e que o ou a “mais um” esteja de qualquer maneira presente, mas sob uma forma completamente imaginária, dando lugar a todos os desvios que Lacan um dia – creio, espero não traí-lo – qualificou de obscenos em seu funcionamento.

Jean-Pierre Dreyfuss – Quero voltar à palavra trabalho, que é usada na doutrina freudiana em dois lugares em especial, quando se trata do trabalho do sonho, e quando se trata do trabalho do luto. Não é uma noção que nos pega de surpresa.

---

<sup>7</sup> Em latim, “*testis*”, testemunha e também testículo. (N.T.)

Há outro termo que guardei, a palavra: expor-se, isto me traz de novo ao que poderia chamar a clínica do cartel. Nós constituímos, há três ou quatro anos, um grupo de trabalho; até há pouco tempo, até ontem à noite, não estava muito seguro de que, pese às modificações que afetaram esse grupo, ele se transformou num cartel, porque eu pensava que a “mais uma” se encarnava numa pessoa determinada, definitivamente, durante o transcurso do grupo.

Deixei isso de lado escutando tudo que foi dito desde ontem à noite.

O que gostaria de dizer, desse grupo, é o seguinte:

Esse grupo se reduziu. Éramos uma dezena, a princípio, e agora somos seis; tenho a impressão de que a eliminação, diria quase a autoeliminação de certo número de participantes se acompanhou de certa eliminação justamente dos efeitos de grupo, quer dizer, do que ressaltava do ensino sob a forma tradicional. Dito de outra maneira, do “fazer valer”. Justamente o que tornou possível esse grupo que agora, creio, se transformou em cartel, foi justamente o expor-se – não necessariamente contar sua análise – mas se expor, quer dizer, arriscar-se; foi nesse momento que se arriscaram no sentido de se expor, o que não é a mesma coisa que se exhibir.

Jean Jacques Morcovitz – Gostaria de dizer uma palavra a propósito da situação em que estamos. Gostaria de formular um preceito, um conceito. Quer dizer, do preceito de formar um cartel onde vamos tentar perceber como funciona, como, de alguma maneira, se poderia transformá-lo em conceito.

Realmente, esse “mais um” ou “mais uma” foi proposto de tal maneira que, ao meu ver, esse “mais uma” seria aquela pequena coisa destacável do todo, aquilo que definiria todo o resto; mas que também definiria ou permitiria definir, num dado momento, a ideia de finitude do cartel. Aquela coisa que faria, por exemplo, em certo momento, com que os participantes do cartel decidissem que aquilo não é mais um cartel, que teria que parar, parar, pelo menos, de se chamar cartel.

Há, aí, um problema bem particular, que só se pode tratar superficialmente, na medida em que, quando o cartel se forma, se concretiza um código entre os participantes com sua própria história no

interior do cartel. Em determinado momento, provavelmente, alguma coisa acontecerá, o que fará com que aquilo se termine. Teríamos, talvez, que definir quais são as condições mínimas para fazer nascer um cartel, e, talvez, também delimitar as condições extremas que fariam com que deixasse de ser um cartel.

Creio que o aspecto mais complicado é o de definir qual é o consenso entre os participantes do cartel. Isto remete àquela problemática extrema da hipnose, ou seja, da submissão ao saber do outro, e de aceitar deixar o outro agir o tempo necessário para poder, num momento dado, dar sinais dessa recepção, dessa acolhida, desse saber.

Nesse sentido, penso que o “mais uma” poderia definir-se da seguinte maneira: é aquele ou aquela que, num determinado momento, é um pouquinho mais psicanalista que todos os outros. Nesse momento, ele se situou de tal maneira, que pode se assombrar com o que se passa e fazer a pergunta sobre o que está fazendo aí; de maneira que pode, talvez, partir ou estar ausente na próxima vez; fazer com que ele próprio seja uma pergunta, sem, talvez, sabê-lo. Há, aí, uma coisa que trabalha na realidade, e é saber se o relativo ao cartel se define verdadeiramente em relação ao “mais uma” e se pode fazer um conceito disso.

Gostaria de precisar, antes de passar a palavra, duas coisas: primeiro, ontem se discutiu durante uma hora e meia que o “mais uma” estava sempre presente, e que se tratava de uma pessoa, e não creio que sua função poderia ser outra senão a de incitar, estimular, provocar o desejo do outro, entendendo aí que se trata do cartel.

Ora, vocês sabem, somos analistas; e este estímulo, fazer com que o desejo seja o desejo do outro, sustentá-lo, isso pode ser feito por qualquer um; essa é justamente a capacidade do significante.

É um ponto que me parece muito importante; ontem chegamos a dizer que não se tratava de alguém que estava ausente, nem de alguém que seja mais analista que outro; se tratava, mais exatamente, de um elemento que atua num cartel portado por um sujeito, mas me parece, igualmente, que existe outra coisa importante para conduzir a discussão – uma lembrança também do texto – é que o cartel não é uma criação *ex-nihilo*; o cartel faz parte das estruturas da Escola Freudiana; quer dizer que o cartel

se situa – dizia agora mesmo – como uma unidade na estrutura da Escola Freudiana.

É um ponto importante também para discutir. Há, no texto, uma referência que se repete: a de que a Escola pode ser considerada como uma experiência inaugural; será que hoje, onze anos depois, podemos continuar usando o termo experiência inaugural?

Nicole Pepin – Gostaria de continuar com o que dizia há pouco; na cifra “3 mais 1” pessoas, o importante para que funcione é a pessoa a mais, e é aí que não se pode errar na escolha desta pessoa. Senão, isso não funciona (!), se tenho razão quando penso que esta pessoa a mais vai fazer com que seja mantida, num trabalho teórico, a busca da coisa. Penso que o trabalho de cartel é um avanço; um primeiro passo para a elaboração teórica, além da análise pessoal.

Não é o caso, creio, de expor sua análise pessoal num trabalho de cartel. É além disso que a coisa se situa. Para precisar o interesse que torna a escolha da pessoa a mais: é só mais tarde, num segundo tempo, que deixamos o trabalho de cartel para reencontrarmo-nos num trabalho a dois (mesmo se o grupo fique sendo de 4, 5 ou 6).

Para a elaboração de um trabalho psicanalítico é necessário, obrigatoriamente, que um analista tenha o retorno de sua palavra por outro analista; de outra forma, penso que uma elaboração teórica psicanalítica não é possível.

Ainda o tema da escolha da pessoa – e nos reencontramos, talvez, numa situação de controle – terá a maior importância porque não é qualquer pessoa que pode sustentar esse papel. É bem evidente que não é qualquer analista que poderá sustentar esse papel para qualquer outro analista; eu diria que esta pessoa, a mais, deve ser o “tudo em uma”; que esta pessoa, sozinha, deve poder solicitar o desejo inconsciente, esta busca que permitiria, dentro do certo tempo, uma elaboração teórica.

Nicole Guillet – Gostaria de resumir duas ou três coisas que me parece ter compreendido há muito tempo sobre os cartéis. A função do “um a mais” me interessa particularmente hoje, me parece que isto foi muito importante em 64, quando houve essa fundação, e creio que isso não foi bastante discutido na Escola. É uma coisa, esta espécie de formação de cartel que

evita todos os fracassos, todos os obstáculos que os grupos políticos, entre outros, encontraram e ainda encontram.

Acho que é fundamental, primeiro, para um cartel, um desejo de trabalho em comum de certo número de pessoas – veremos, ainda, o número; são necessários, evidentemente, interesses comuns, uma pesquisa teórica; é uma espécie de máquina de despertar as cabeças juntas, de querer encontrar juntos, tem um efeito de estimulação etc.

Em segundo lugar, é preciso, evidentemente, transferência. Quer dizer, não se pode trabalhar com pessoas que não são pares, escolhidas como tais, semelhantes; que possamos falar com elas sem ir à guerra, poder escrever qualquer coisa, aprender a escrever, elas estão aí porque isto lhe interessa como a mim; decidiram suportar, me suportar etc. A gente se escolheu.

Terceiro, há o analítico; quer dizer que existem regras; primeiro, há ritmos de trabalho. Regulares, nenhum cartel pode funcionar sem algum ritmo, é importante se se falta, é importante se não se respeita esse ritmo. Há regras, entre outras, a regra do número de pessoas. Este garfo de três a seis pontas me parece extremamente importante – é o que chamarei a boa consistência subjetiva. Quer dizer, três, evidentemente, é a família, é dois contra um etc., e, ainda por cima, é a massa, ou seja, qualquer um pode dormir, sonhar, se transformar em um vaso de flores, enfim, todas as resistências são possíveis, enquanto seis – não sou bastante experiente, mas me parece que nos pequenos grupos que fazíamos com frequência em La Borde, os UTB etc. se respeitou sempre isso, sem o saber bem. Por experiência, sempre encontramos esse número, chegávamos até sete, mas eram coisas diferentes.

Em quarto, me parece que é preciso o “um a mais”, quer dizer que é o que assegura que o cartel não vai se tornar um cartel de cosmonautas, ou não sei o que quer dizer, isso vai dar uma abertura; uma abertura sobre o quê? Sobre o exterior do cartel, dos cartéis da Escola Freudiana. Hoje se pode dizer que o que fazemos é o “um a mais” em relação a todos os cartéis cujos participantes falam. Hoje, por exemplo, me parece que o trabalho que foi explicado ontem de manhã por sra. Soler era interessante, pois o fato de relatar um trabalho funcionou, no cartel deles, como “um a mais”. Acho que se isto não ocorre, os cartéis fazem rom-rom; mesmo sendo seis, há

uma possibilidade de rom-rom, de funcionar de maneira fechada, que não é austera – não gosto da palavra produção, produtivo, gosto mais de “abertura” – e marcada, pontuada por nosso pertencer à Escola Freudiana.

Nos pequenos grupos que fizemos em La Borde, me parece, se evitava o obstáculo do rom-rom porque o louco podia funcionar, ou o fato de estar lá para cuidar dos loucos poderia funcionar, como disse Lacan ontem, para a matemática. Quer dizer que isso fazia “um a mais”. Éramos obrigados a encontrar algo porque havia a exigência dos sintomas do louco que molestava. Mas fomos obrigados a criar um grupo, que chamávamos o “grupo dos grupos”, que tinha a função unicamente de controlar os cartéis, saber o que um cartel fazia; se o outro não se transformava, na verdade, num cartel de cosmonautas que estava lá para fazer outra coisa que não trabalhar.

Mme G... – Queria simplesmente dizer que havíamos formado um cartel, no começo, com o fim de trabalhar, mas também para ir ao encontro do que poderíamos chamar uma “seminarite” aguda.

Em algumas regiões, cada um faz seu seminário, e se vangloria de seu seminário, e é para ir contra esta tendência que formamos um cartel sentindo a necessidade, no início, de referir-nos ao texto, à Ata de Fundação. Penso que quando, mais ou menos um mês depois, se anunciou a reunião dos cartéis, sentimos uma grande alegria.

Philippe Girard – Será que o cartel não é uma tentativa de evitar dois tipos de agrupamentos ou de reagrupamentos, digamos, uma figura totalitária, com os fenômenos de identificação etc., e uma figura que tem difusão atualmente, a do liberalismo? Dito de outro modo, o “um a mais” funcionaria como o instrumento para evitar o que se chama de psicologia de massas, com todos os efeitos que conhecemos, e, por outro lado, para não mergulhar numa república dos “egos”, igualdade fictícia, evidentemente. Em que condições pode-se escapar desses dois modos de instituição do social, do laço social?

Se tivesse que definir a função dos cartéis, seria em relação a isso; tomando em consideração tanto as figuras dominantes do passado, como o Exército, a Igreja, mais recentemente o Partido, a nova ideologia. Por enquanto, não tenho experiência de cartel, ou muito pouca, mas o que se produz em torno disso para contornar essas duas dificuldades não é

convincente. Ainda não saímos destas dificuldades. Creio que é isso que a Escola Freudiana tenta resolver, não só em relação ao registro político, mas também no que concerne à instituição analítica.

Os matemáticos – você disse ontem, se entendi bem – conseguem resolver estas dificuldades, as do “e eu, e eu, e eu” dos grupos liberais, e a do “Outro” ou do objeto em feixes, sobre o qual, pelo qual e no qual há identificação e constituição do “nós outros”.

Os cartéis podem engajar a Escola em vias que não são as da suficiência, da comunhão tácita e do conformismo, e constituir um meio de formação e um outro tipo de laço social?

Annick Dreyfusse – Tenho uma pequena experiência dos cartéis, e gostaria, simplesmente, de acrescentar algumas palavras ao que disse Jean Pierre Dreyfuss há pouco, uma vez que participo do mesmo cartel que ele e pude observar esta autoeliminação.

Para começar, como ele disse, as pessoas estão lá (somos uma dezena), e há uma espécie de fascinação recíproca, no sentido de fazer valer e pela autoeliminação se constitui, então, um cartel sem esse famoso “mais um”. Quer dizer, nos encontramos na posição de analisante (é assim que isto me surge), e, ao mesmo tempo, de analista. O “mais um” se situava na posição de analista do cartel, mas sem sabê-lo, e sem ser “um” claramente.

Isso me parece essencial, e me parece, agora – depois de tudo o que foi dito, depois da introdução de Nasio –, que é uma experiência única. É uma coisa única: não é nem a base, nem o controle, nem a situação analítica. Mas merece, de toda forma, um esclarecimento, porque são, então, dois analisantes e um analista, e não o analista com os analisantes: se trocam os papéis; se é ao mesmo tempo analisante e analista.

Os números 3 – 6, nesse sentido, me parecem também essenciais; além de seis, constatamos que não funciona; há sempre um sobrando, ou dois sobrando etc., então, o ideal seria entre 3 e 6. Ainda restam perguntas no que concerne à explicação de como isso funciona; parece-me misterioso.

Juan David Nasio – Gostaria de responder lendo uma citação da Ata de Fundação. “Mais uma” – continuo a citação que M. Martin fez ontem – “encarregada da seleção da discussão e do destino reservado ao trabalho de

cada um” [...] “depois de certo tempo de funcionamento, os elementos de um grupo se propõem a mudar para outro”.

Quer dizer que há um trabalho, um movimento de permutação, não só intercartéis, mas também no interior do cartel, e há, ainda, algo mais a acrescentar: “o cargo da direção não constituirá um caciquismo (“*chefferie*”) cujos serviços se capitalizariam pelo acesso a um grau superior, e ninguém se considerará rebaixado por voltar para a categoria de um trabalho de base”.

Pierre Bastin – O que ouvi ontem à noite, a propósito da experiência de certo número de grupos, é que eles terminavam tornando-se qualquer coisa. As pessoas ficavam amigas e conversavam sobre temas triviais; em suma, isso não funcionava.

E depois se fez alusão, sem ir além, ao esquema L, ao eixo a-a’. Isso me leva a fazer uma pergunta: será que a função da “pessoa a mais” não é, primeiramente, criar um obstáculo à intersubjetividade, quer dizer, a um grupo de amigos dentro do qual tudo o que pode funcionar sem uma pessoa a mais pode instaurar uma relação puramente imaginária, produzir um discurso puramente linear? E, que, nessa perspectiva do esquema L que foi evocada, essa pessoa a mais se encontraria sobre o outro eixo, o eixo da transferência: S-A; o que dá a esse grupo a possibilidade de produzir, de metaforizar, para que uma coisa diferente possa surgir?

Outras reflexões como: três mais um igual a quatro, e, no esquema L, há quatro termos nos quatro discursos: universitário, do analista, da histórica e o mestre. É também o jogo de quatro termos que, intercambiando-se, produzem discursos diferentes. Não posso dizer mais, mas constato que aí também há quatro termos.

Para responder a uma coisa dita há pouco, a “pessoa a mais” não é um chefe, não é um igual, mas cumpre certa função na estrutura desse cartel. Agora, como é que a “pessoa a mais” vai cumprir esta função?

A propósito da escolha, penso que está bem claro, na Ata de Fundação, que se trata de pessoas que conversavam sobre um desejo de fazer alguma coisa juntas. A partir daí, não penso que haja qualidades particulares para ser a pessoa a mais, que não seja a de ter sido escolhida



por outras três, por consentimento mútuo para que, imediatamente, alguma coisa funcione.

Maria Velissaropoulos – Gostaria simplesmente de sublinhar que se falou dos quatro discursos. Penso que o cartel é o que permite articular alguma coisa do funcionamento da Escola com os quatro discursos, mas não penso que o “mais uma” seja o quarto termo dos quatro discursos. Penso que é o que permite a passagem pela metáfora, a metaforização.

Agora mesmo estava muito admirada de que se fale de uma pessoa, da escolha de uma pessoa. Não sei se é disso que se trata, mas creio que o “mais uma” pode ser entendido na definição do significante: “o significante é o que representa o sujeito para outro significante”, é o nível do “para” que se encontra o “mais um”.

Dominique Poissonier – Gostaria de continuar um pouco o que dizia Bastin agora mesmo, no sentido de que duas coisas me parecem importantes na maneira em que percebemos esse “mais um”. Trata-se, ao mesmo tempo, de um “mais um” que está sempre presente, queiramos ou não, e isto me faz pensar que, em uma análise, não há mais que duas pessoas; não se está sobre um eixo imaginário, e se trata, aí, de situar esse “mais um”. Essa delimitação é, talvez, mais importante, e consiste em que o “mais um” encontre o seu lugar e permita que algo seja dito nesse nível.

Por outro lado, Nasio o lembrava há um instante: há uma pessoa que se diz o “mais um”, a quem se confia certas tarefas, certas servidões, e isto evoca em mim a função do “passa-umbral” (“*passe-seuil*”); será que a constituição do “mais um”, em relação ao grupo, não é análoga à situação organizada no passe (“*passe*”) onde um ou dois passadores (“*passeurs*”) estão em tal posição que o que diz o passante (“*passant*”) se perderia em outro lugar? Chegamos aí à noção de abertura de produção, de “para um outro significante”, de alguma coisa que se faz para a Escola, de maneira também a sair de um discurso fechado, que ficaria entre os “eu-eu-eu” em níveis imaginários.

Jose Guey – Por outro lado, esta questão do “uma a mais” gira em torno de um lugar ocupado por uma pessoa diferente. Creio que o que foi dito aqui é que, num cartel, escolhido ou não, não é evidente que seja sempre a mesma pessoa que, no interior do cartel, ocupa esse lugar.

Há uma pessoa que ocupa este lugar, a quem se dirige, mas só depois, num prazo mais ou menos longo, a transmissão do trabalho deve fazer-se frente a outras pessoas da Escola e, mais tarde, por que não, fora da Escola; é assim que isso funciona, me parece.

Foi importante também esse controle e essa crítica interna e externa.

Por outro lado – e me uno ao exemplo dos matemáticos, que falam da matemática como de uma pessoa –, me parece que se deve marcar que o que causa esses cartéis e, afinal, a própria Escola, é a psicanálise.

Quanto aos grandes grupos, me parece que, passando de certo número, se está numa estrutura de espetáculo – e não mais numa estrutura de discurso. Por outro lado, se excluirmos que um cartel comporta duas pessoas, é porque temos aí dois discursos que se enfrentam, não confluem e têm enormes dificuldades para confluir num terceiro.

Juan David Nasio – Gostaria simplesmente de lembrar que ontem estabelecemos a diferença entre o “mais um” e o “um a mais”. O “um a mais” foi considerado como o que já se produziu, o sujeito, falando em termos próprios da doutrina psicanalítica; e o “mais um” não é algo que fecha uma estrutura, mas que, estando no limite da estrutura, a faz consistente e a abre a outras estruturas.

Esse “mais um” é o que permite a conexão do cartel com o resto das estruturas da Escola, é importante marcar isso como diferente. Quanto ao controle interno-externo, há esta frase: “Aqueles que venham a esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa, uma tarefa submetida a um controle externo e interno”.

Christiane Bardet Girardon – Será excessivo colocar o problema da ambivalência em relação ao cartel e o problema dos efeitos do cartel sobre cada um dos participantes e sobre seu trabalho?

Quer dizer, será que este efeito do cartel vai resultar automaticamente em um trabalho coletivo? Ou será que não há também momentos em que o efeito do cartel pode ser forçar a escrever ou encontrar uma determinação para escrever, mas, que, talvez, não esteja orientada, nesse momento, para o cartel, mas para outro lugar? Será que não há uma indeterminação, se realmente se trata de produção e de trabalho, talvez não nos fins, mas nas orientações do trabalho?

Nesse momento, quem sabe o caráter lento, o risco de monotonia ou de esclerose do cartel – se ele conta com pouca gente, apesar de tudo isto, não é só um fator positivo; na medida em que nos conhecemos, temos mais liberdade de falar, o que pode ser, também, um limite na informação. Talvez não se possa controlar tampouco o fato de se estar agrupado assim, e não de outra maneira.

Minha pergunta era: no final das contas, se se tratava de produção, por que não se colocou o problema das determinações de escrever? Será que é unicamente por simpatia pelo outro, no caso do cartel, ou não se pode ter um sentimento de furor ou de outra coisa? Na determinação de escrever pode haver ambiguidades nos motivos.

Juan David Nasio – Traduzirei isso assim – não sei se é possível falarmos de produção no cartel; não será o cartel uma forma de estrutura que permite a reprodução? Penso, simplesmente, no crescimento da Escola como instituição; se ela é ou não uma instituição, é outra questão.

Nicole Guillet – Acho que é a questão mais importante, mas me parece, nesse caso, que teria que haver um cartel que ajudasse a assegurar essa função do “a mais”. Quer dizer, é evidente que é preciso estabelecer todo tipo de regras, inclusive as regras de rotação dos cartéis e de rotação desta função do “um a mais” no cartel. Tem que ser como uma espécie de... Há um monte de palavras que aparecem e que nos desagradam, não é por nada, eu ia dizer, controles, dar satisfação à Escola. Penso nas funções de secretária, de comissário etc. Isso evoca toda uma série de coisas muito complexas; talvez seja por isso que Girard é pessimista.

Quando dizia que, por exemplo, nos pequenos grupos chamados grupos de palavras ou grupos de psicoterapia de grupo, em que havia um ou dois loucos, com estruturas que funcionavam como cartéis, no La Borde, o fato de ter um louco ou dois, ou três, podia evitar uma espécie de rom-rom do grupo. Mas se pode dizer, também, que esta função do “um a mais”, se esperávamos que fosse assumida pelos loucos que podia representar, é evidente que, muito facilmente, o futuro, ou o Führer, ou a destruição do grupo, este poderia igualmente se tornar um grupo de loucos, onde a loucura assegurava esta função simbólica. E por se tratar de uma função tão importante, como assegurá-la, como fazê-la viver?

Pierre Martin – Continuando com as propostas feitas por Nasio, e talvez para articular certas propostas interessantes, gostaria de fazer participar a penúltima frase da Ata de Fundação, antes que o autor aborde a descrição das três seções:

“Isto – quer dizer, que concerne precisamente à organização estrutural do cartel – não implica uma hierarquia de cabeça para baixo, mas numa organização circular cujo funcionamento, fácil de programar, se adaptará à experiência”.

Philippe Girard – Respondendo às disposições que preconiza Nicole Guillet, diria que as “rotações” nunca impediram nada. Os comissários se tornaram “do povo” e, os secretários, “gerais”. Não acho que seja através dessas modalidades que se chega, digamos, a proteger-se dos dois tipos de coletivos que se designava. Quanto à negação da autoridade e da hierarquia, que acontece atualmente, isto não as impediu de funcionar pela própria demanda dos que as rejeitam.

Estas questões são bem mais complexas do que aquilo que se chama ideologia nova, para diferenciá-la da ideologia chamada burguesa. Faz-se o esforço para que a invisibilidade funcione no “entre nós”, na familiaridade etc. E nada pode assegurar que ela esteja livre do totalitarismo que tenta afastar.

Nicole Pepin – Gostaria de continuar o que já disse, e conectar com o que ouvi há um tempo, no âmbito da limitação do trabalho teórico do cartel e da agressividade que se produzia. Parece-me que, obrigatoriamente, um trabalho teórico num cartel só pode ser limitado, e não falarei de agressividade, mas da dimensão do ódio.

Na medida em que há intervenções múltiplas, parasitárias, num grupo importante demais, se faz uma limitação ainda maior, já que não se pode, entre colegas de trabalho, trabalhar de outra maneira que percebendo uma dimensão particular de funcionamento, que chamarei o “semblante social”. Quero dizer que, estando ligados por laços de camaradagem ou de amor, no grau que seja, haverá sempre algo a preservar que colocará obstáculos a que a “pessoa a mais” possa cumprir totalmente seu papel.

O papel da “pessoa a mais” se situa, como já disse, ao nível da busca da coisa. Ela vai levar essa busca no sentido de uma provocação – peso

minhas palavras – porque me parece que a pessoa a mais teria que manter a dimensão da morte para que o discurso teórico e a elaboração teórica possam ser feitos.

Se eu falava, há pouco, de algo além da situação de cartel, chegando à situação de controle para dizer que há, aí, o risco de que a pessoa a mais seja o “tudo em uma”, é que só nessa situação o analista, que trata de realizar uma elaboração teórica, é mantido no “ser para a morte”: só nessas condições uma elaboração teórica é possível.

Jacques Crépin – Gostaria de falar de algo que não chamarei de cartel, mas de um grupo: o grupo de Amiens-St-Quentin.

Creio que, a partir destas reuniões de estudo, se farão perguntas. Estamos descobrindo, por exemplo, que ainda que tenhamos refletido sobre o número de pessoas que poderia constituir este cartel, as reflexões nunca foram muito longe. Somos, atualmente, e desde o começo, nove; confesso que foi só ontem à noite que começamos a colocar-nos o três e o seis. Direi, também, que nunca tínhamos refletido sobre a questão do “mais um” ou do “mais uma”, provavelmente porque, no momento de instituir-nos como cartel, não tínhamos, na verdade, lido as Atas de Fundação dos cartéis.

Queria simplesmente indicar que não nos fazemos muitas perguntas, e – parece-me que isso surgiu uma ou duas vezes aqui – uma questão que não foi colocada (uma questão muito subjacente, mas que está sempre presente) é que, no nosso grupo, há dois casais. É esta questão que, talvez, não seja específica desse grupo. Gostaria de assinalar, a título de curiosidade, que a única vez em que houve uma ausência nesse grupo foi quando a nona pessoa partiu para casar-se. Conto isso a título de episódio sobre as perguntas que vamos seguramente formular-nos quando voltemos a Amiens-St-Quentin, logo mais.

Juan David Nasio – Posso lhe perguntar quais são as coisas que vocês projetaram, pensaram, depois da discussão de ontem à noite?

Jacques Crépin – Encontramo-nos só, de forma individual. Não estamos todos aqui. Há uma coisa, no entanto, que gostaria de dizer também, que me ocorre enquanto falo: na constituição do cartel. O que nos assombra posteriormente (provavelmente por isso não somos um cartel) é que, afinal, o tema escolhido para dar um nome, uma insígnia, ao nosso cartel, foi algo

que se deu muito rápido, como uma espécie de formalidade. Falando isso, hoje, me dou conta de que esta formalidade tem o seu porquê. Chegaria a dizer que o “um a mais”, para formulá-lo assim, se manifesta no nosso grupo sob a forma de dois líderes, e não por acaso estes líderes são as duas pessoas que escolheram o tema. Logo, aceito pelos sete outros participantes, sem que fosse questionado jamais. O tema era o primeiro discurso de Roma.

Colette Van De Poorter – Você falou de matemática como se fala de uma pessoa, e disse que é certo e curioso que, quando os matemáticos se reúnem, sempre há uma pessoa subentendida presente.

É curioso, e merece ser sublinhado, que as ciências são representadas por uma mulher. Esta pessoa “uma a mais” talvez seja a mulher enquanto não existindo e situando-se entre presença e ausência. Agora, na matemática, a verdade está visível ou subentendida antecipadamente, e o jogo é de ir ao seu encontro ou negá-la. Eu me pergunto: qual é a relação desta “pessoa a mais” com a verdade?

Annick Dreyfuss – Queria simplesmente acrescentar que a experiência de cartel não tem nada que ver com o que poderíamos chamar de experiência de dinâmica de grupo. Parece-me essencial assinalar isto.

Nicole Guillet – Eu acho que os temas de trabalho e sua escolha não têm tanta importância, mas, num caso extremo, de vez em quando, quando a Escola precisar, pode-se distribuir os temas de trabalho; eu sempre gostei de exercícios de piano, quer dizer, de coisas obrigatórias, mas, pode-se dizer: “Seria interessante trabalhar naquele cartel”, inclusive trabalhar num cartel sobre ficção científica, e isso tem relação com a Escola Freudiana de Paris, quer dizer, com a psicanálise.

O que me parece, talvez, mais interessante, é a escolha do lugar; pelo menos se deveria falar isso, uma vez que a função do “um a mais” é, às vezes, assegurada pelo fato de se reunir na sede da Escola, e, também, pelo contrário; o fato de se reunir na casa de alguém, sempre o mesmo, e não na casa dos outros, pode ser importante no grupo. Acho que isso deve ser considerado: o apartamento de uma pessoa faz parte de seu corpo etc.

Não vamos dizer que a função do “um a mais” será assegurada precisamente porque seja na sede da Escola, mas, enfim, me parece que teríamos que pontuar todas essas coisas.

Nicole Pepin – Falava, há pouco, de semblante social, o qual poderia obstaculizar a elaboração de um trabalho teórico no cartel, e gostaria de precisar o que entendo por “semblante social”. O “semblante social” é o que faz com que as pessoas possam viver em sociedade; é seu modo de adaptação à sociedade, aos outros, aos pequenos outros que as rodeiam. Situo o “semblante social” no nível do imaginário, relação imaginária com uma incursão no simbólico, às vezes.

Outra coisa importante nos obstáculos que se pode encontrar ao nível da elaboração de um trabalho teórico nos cartéis é o que chamaria, para fazer um paralelo, o “semblante psicanalítico”, que não só obstaculiza a elaboração de um trabalho teórico no cartel, mas é muito mais perigoso que o semblante social.

Por quê? Porque não se situa ao mesmo nível: o “semblante psicanalítico” só poderia ser utilizado por pessoas que conhecem a análise e o funcionamento do inconsciente.

Elas colocarão em movimento não só o imaginário e o simbólico, mas correm, também, o risco de mobilizar algo ao nível do real. Aí, isto pode provocar reações completamente dramáticas. Já constatamos os efeitos em diferentes grupos de trabalho. Eram importantes, temos que assinalá-lo. Situo aí os obstáculos ao funcionamento dos cartéis: quando as pessoas sofrem imposições, por uma terceira pessoa ou por elas mesmas; quando alguém se designa para ser a “pessoa a mais”.

François Hanafi – Pensava nos “três mais um”, na relação triangular. Esta pessoa, presente ou ausente, poderia ser, eventualmente, o funcionamento da Escola, já que Lacan nos dizia ontem: será que a Escola funcionou até agora?

Pensava fazer pequenos desenhos no quadro: partindo do triangular, se pode pôr o pai, a mãe e a criança, e eis o que falta: as referências ao texto, seja de Freud, seja de Lacan. De maneira que, fazendo os três anéis, uns dentro dos outros, para que estes três existam, para que o cartel exista, tem que haver “mais um”; quer dizer, a reunião de tudo isso. Além de que

haja alguém capaz de, no centro, se ocupar disso. Imaginava, também, algo ao nível do “três mais um”, falando do seis; quer dizer, o famoso triângulo, unindo-os assim.

Isso forma o triângulo, mas quando associados, fazem seis pontas; e se é visto ao nível da união, se forma o quatro. O que pode significar: para o funcionamento de um cartel, há três pessoas: há, eventualmente, o analisante, o analista, e o que se produz, o objeto; para que isto possa funcionar, deve haver o exterior, quer dizer, a reunião desses três.

Havia outra coisa sobre o funcionamento da Escola: o fundador da Escola, a Escola mesma, nós ou eu, e para que a Escola possa funcionar, para que existam quatro, falta algo aqui. O cartel, quer dizer, eu pertencço ao cartel, e se pode chegar a reunir e fazer um círculo em lugar de um quadrado.

Mas, nesse quarto (“*quatrième*”), vejo as referências ao nível do texto, mas, também, ao nível da própria pessoa que escreveu os textos, tais como Lacan e Freud, que foram, a meu ver, até agora, postos de lado.

Jacques Lacan – Safouan, você não estava aqui ontem às cinco horas, pelo menos quando eu abri a sessão. Não teria algo a dizer sobre o que ontem mesmo me deu a possibilidade, hoje me abstenho, de um diálogo com várias pessoas que falaram?

Ficaria contente se você dissesse o que pensa desta “mais uma pessoa”, que todo cartel literalmente evoca. Evocou, em todo caso, para mim, e, lamento não tê-lo pontuado há pouco, Philippe Girard marcou muito bem qual é o objetivo, que é sair da necessidade que se cristaliza no funcionamento de todo grupo.

Mustafá Safouan – Será que pode haver uma reunião esta tarde? Prefiro esperar pela tarde.

Jacques Lacan – De acordo. Há coisas que você ouviu esta manhã, havia outras de ontem que eram extremamente sugestivas.

Mustafá Safouan – Em todo caso, do que ouvi esta manhã, é sobretudo o “mais um”, porque é uma função que não tem nenhum equivalente social a que possa se referir. Como se disse, no plano social, não se pode defini-lo senão por inversão.



Jacques Lacan – Há, evidentemente, dois pontos: por um lado, a organização, a vida, se podemos dizer, do cartel como tal; e, depois, o que alguns, inclusive Nasio, insistiram, ou seja, a produção.

Mustafá Safouan – Mas não é fácil situar, na topologia subjetiva, a quem responde esta função. Ainda por cima a questão se ampliou – vejo a novidade, o caráter inédito da própria ideia de organizar assim uma colaboração entre vários no trabalho.

Jacques Lacan – Acho que há algo específico na análise que coloca esta questão que fica sempre mais ou menos apagada, no fim das contas. Acho difícil que os analistas não se perguntem o que quer dizer, analiticamente, o seu trabalho enquanto trabalho em comum; o analista deve ficar isolado, por que não? É o que acontece na prática.

É natural, de todas as maneiras, fazer a pergunta: por que acontece? É o mínimo. Se você quiser amadurecer algo para essa tarde...

Charles Melman – O que pode manter os analistas num grupo de trabalho? Creio que poderia ser a delimitação do real que os convoca: a mais. Isto coincidiria com a necessidade de produzir, no grupo, um discurso a mais que os que um estudo em comum vai inevitavelmente suscitar: mestre, universitário, histórico,...

Jacques Lacan – Aubry, você tem, talvez, coisas a dizer que surgem da sua experiência... que é grande.

Mme. Aubry – Minha experiência foi que, cada vez que tentei instalar algo da ordem do cartel, fui posta em posição de chefia, de tal maneira que não era suportável. Diz-se que, quando sucede alguma coisa, os dois dela participam; mas não tinha a impressão de que fosse o caso. O que posso dizer é que, antes da função da Escola, quando estava em Paris, pude fazer algo em que cada um pôde tomar sua via, o que me parecia responder ao objetivo do cartel; senão ao seu funcionamento... quer dizer que cada um fez o seu caminho, no sentido do que acontecia na sua análise. Sua marcha pessoal é, no entanto, relativamente solitária, fazendo parte de algo que tinha valor de significante; estou pensando no “*Enfants–Malades*”. Depois, tentei também voltar a participar de um cartel, em Paris, mas devo dizer que, quando venho, o que é raro, é uma verdadeira bagunça, e renunciei, embora aí houvesse, com efeito, algo possível.

Não pude funcionar num cartel, com exceção de algo que estaria próximo ao “*Enfants–Malades*”, pelo menos quanto ao objetivo, que acho que é uma produção, mas onde o que é coletivo é que cada um pode argumentar com o outro numa via circular, sendo que cada um deve fazer um caminho original e pessoal e, creio, a diversidade das pessoas que trabalharam antes no “*Enfants–Malades*”, e que são produtivas, e nada parecidas, é um testemunho. Não vejo o que posso trazer de novo, mas tenho que dizer que, na região de Aix, quando cheguei, havia uma demanda extraordinária, que se resolveu partindo cada um para o seu lado, para fazer alguma coisa.

Houve, certamente, nesses grupos, ou o que se pode chamar assim, pois não eram cartéis, uma elaboração do que podia ser um trabalho analítico, uma retomada, para muitos, de uma análise; tantas questões se levantaram, sem que, naturalmente, eu respondesse diretamente.

Mustafá Safouan – O que acabo de escutar me faz indagar a quem responde, de onde surge a necessidade do “mais um”? E a sua pergunta: “Será que o analista pode trabalhar isolado?”, também mexeu em alguma coisa. Meu sentimento é de que se trata de uma função que consiste num segundo olhar, um segundo olhar lógico sobre o discurso, em suas consequências lógicas, não em sua significação, mas se pode assinalar a um sujeito, por exemplo, suas contradições ou as consequências secundárias às que ele mesmo não presta atenção.

Nesse sentido, diria que é uma função como a maiêutica socrática, mas verdadeira, porque se sabe que, no diálogo, há muita simulação, é o exemplo típico. Se pretende ignorá-lo para descobri-lo logo, pode haver lugar para uma função verdadeiramente socrática, e é nesse sentido que me parece que pode haver espaço para o “mais um”. Pessoalmente, nunca tive dificuldade com coisa alguma, quero dizer que, quando não se trabalhava, a gente ia embora, e isso era tudo.

Jacques Lacan – O que prova, se não a sua intervenção, pelo menos o seu consentimento. Quem quer ainda tomar a palavra?

Radmila Zygouris – Como cheguei tarde, não sei se já fizeram a pergunta: quando se faz o trabalho que se faz (se é que isso se pode chamar trabalho), esta coisa estranha que se faz quando se é analista, será que se pode falar disso a mais de duas, três ou quatro pessoas de uma vez? E o que se passa

com o que se fala, que tipo de discurso se sustenta? Tenho a impressão de que, antes mesmo que o cartel estivesse verdadeiramente constituído, quando se queria falar do que se fazia como analista, se falava por telefone, mas não se ligava nunca para mais do que um punhado de pessoas. Depois, quando se pede para fazer um trabalho, para participar de um congresso, se trata de outro tipo de discurso, que faz com que tanta gente se recrimine sempre nos congressos: “Não é isso, não é isso, é universitário”. Será que o analista pode escapar do discurso universitário quando fala numa assembleia ou quando escreve? A questão que eu queria colocar é a diferença entre o escrito e o não escrito. Não é porque se fala que não é escrito, cada vez que a gente se reúne, que trabalha, está presente o outro aspecto: “como dois isso não funciona”, se está numa relação de identificação: “como você faz e como eu faço”; se está no “*savoir-faire*” unicamente, falta algo, uma referência comum, e essa referência comum, que *status* ela tem?

Jacques Lacan – A sessão está suspensa.

### III – Sessão de grupo de domingo à tarde

“Do “Mais uma” e da Matemática”

Juan David Nasio – Não é minha intenção fazer um resumo do que foi dito de manhã. Só vou tentar pontuar algumas referências que extraí da discussão.

Nós consideramos, pois, no que se refere aos cartéis, dois registros que Lacan resumiu ao separar, por um lado, a estrutura, a vida do cartel, e por outro, o trabalho que se executa, a produção.

Quanto à sua organização, o problema do “mais um” fica por ser desenvolvido. Nós sublinhamos a diferença entre “um a mais” (“*un en plus*”) e o “mais um” (“*plus un*”), sem lhes dar, ainda, uma consistência definitiva.

Este “mais um” foi situado na articulação do cartel com o resto da estrutura da Escola. Sobre este ponto, acrescento agora que este “mais um”, enquanto ligado à Escola, faz eco com a fórmula “não há Outro do Outro”,

na medida em que ele detém qualquer relação infinita. Isto coloca o “mais um” como o corte que promove a passagem do cartel à Escola.

Por outro lado, foi afirmado por Girard que tal organização poderia evitar os riscos de certo totalitarismo ou da igualdade fictícia do liberalismo. Ele deixou perceber suas dúvidas sobre a eficiência dos cartéis para chegar, como laço social, além de um agrupamento comandado pela figura do chefe ou dirigido pelo reforçamento dos “egos”.

O segundo aspecto, o do conteúdo, da produção, foi assunto de diferentes intervenções. Em particular, a noção analítica de “trabalho” tem servido de referência.

O cartel apareceu como lugar de um trabalho em comum, mas se pode-dizer que a comunidade analítica encontra nessas unidades seu ponto de relação? Lembramos que nenhuma sociedade psicanalítica está organizada sobre esta base. Acerca deste ponto de vista, temos um termo que mostra o caráter inovador dos cartéis, que é “ato”.

Jacques Lacan – Eu lhe agradeço muito pelo esforço de fazer este resumo.

Não encontrei na sessão desta manhã o interesse que tinha a de ontem, presidida por Martin, onde vocês não fizeram outra coisa que colher os seus resultados.

Espero que Safouan contribua com alguma coisa, ficaria contente se você falasse.

Mustafá Safouan – Tive tempo de ler a Ata de Fundação e percebi que tinha esquecido esse texto.

Jacques Lacan – Você não é o único!

Mustafá Safouan – A impressão que fica, no que concerne à origem dos cartéis, é de que se trata de uma ordem marcada pela preocupação de não fundar a colaboração, ou o trabalho comum, sobre o caciquismo (“*chefferie*”); não existe nenhuma organização que possa eliminar o caciquismo em uma coletividade.

É uma coisa que eu poderia sustentar. Se me perguntassem, sustentaria, afinal, que a sociedade, por seu princípio, a partir de sua célula de base, que se chama família, está fundada sobre o recalçamento. Mas, se

não se pode eliminar o caciquismo, pelo menos se pode evitar fundar sobre ele um regime de trabalho que se possa chamar de honesto.

Então é um ordenamento, como poderíamos ter concebido outros. O que nos faz colocar certas questões sobre a eleição do número, por exemplo, três, ou quatro, ou cinco. Isto parece uma sugestão prudente, no sentido em que empiricamente, dentro destes limites, o trabalho se mostra como tendo um caráter ao mesmo tempo mais confidencial, mais franco e também mais sério que em outras condições. Nós mesmos, por exemplo, tentamos fazer um trabalho em torno do léxico. Enquanto a porta estava aberta a todos, nada foi feito seriamente. Fomos obrigados a limitar o número e, a partir desse momento, o trabalho se realizou. Isto tem um caráter empírico.

Falo isto para chegar ao “mais uma”. Não sei por que, construí uma ideia tão exagerada, que cheguei a falar de Sócrates, tal a forma em que a coisa me parecia importante na boca dos outros.

Mas como ela é vista aqui, eu vejo uma função que seria comparável à função de um tutor num colégio inglês. Quero apoiar tudo isto não numa direção teórica, mas numa ordem que tem um caráter empírico: eu repito, o estilo me parece o de um tutor de Cambridge ou de Oxford, encarregado da seleção, da discussão e do resultado do trabalho de cada um.

Existem questões duvidosas. Depois de certo tempo de funcionamento, será que os elementos de um grupo foram propostos para ser permutados pelos de um outro? Isto foi feito? Porque isto me parece totalmente coerente com o resto, e justamente sem esta permutação, o resto não tem valor. Na medida em que se trata, justamente, de dissipar o máximo possível os efeitos do caciquismo, a permutação é necessária. Mas isto foi feito?

Jacques Lacan – Não, não foi feito nunca.

Mustafá Safouan – Então é uma coisa que merece ser feita, porque se percebe bem que é coerente com o resto.

Na verdade, todo o mundo está num cartel? Será que eu estou num cartel? Será que todo o mundo trabalha num cartel? Eu não posso dizer que trabalhe num cartel.

Jacques Lacan – Absolutamente. Não há qualquer espécie de verdadeira realização do cartel.

Mustafá Safouan – É isto. Mas meu sentimento é de que isto constitui uma grande lacuna na aplicação e que, se pedimos a todos para trabalhar num cartel, aplicando o princípio da permutação, isto põe à prova o narcisismo de todos. É uma coisa essencial para ser aplicada.

Isto foi o que me ocorreu. Haverá outras coisas que eu direi pouco a pouco.

Pierre Martin – Chamei ontem a atenção sobre o “mais um” e esta manhã sobre os “três”. E me pergunto se, neste público, há alguém que possa também colocar a questão da própria palavra cartel. No texto, está referida a “*cardo*”, a dobradiça, abertura e outras coisas. A palavra, na língua francesa, tem, ainda, outras implicações. Parece-me, porém, que mereceria, talvez, se deter nesta.

Robert Mund – Justamente, eu me perguntei bastante sobre a palavra “cartel”. Quando entrei na Escola Freudiana, faz seis anos, quis saber qual era a regra. Evidentemente, li os estatutos. Era o início de uma prática que ainda, naquele momento, não era analítica. Eu trabalhava no “*Enfants-Malades*”, de maneira que estávamos já agrupados para estudar *O discurso de Roma*. Eu tinha feito um pouco de linguística antes de começar a trabalhar como analista e, por tudo isto, evidentemente me interessava ler *O discurso de Roma*. Aquilo carecia de estrutura. Fui ver, nos estatutos, o que era o cartel. Li: “nós temos um nome para...”, e pensei: então este nome já pré-existe ao seu uso. Pensei nos diferentes sentidos que podia ter a palavra cartel. Não creio que se trate de um cartel político. E me surgiu a ideia de que a palavra cartel contém, também, o que se fazia quando se provocava alguma pessoa para um duelo. Existe, aqui, uma “pro-vocação”, no sentido de que se delimita um campo e uma regra, segundo os quais as pessoas não vão se estrangular. Porque, mesmo assim, ainda há uma possibilidade de morticínio. Num duelo, pode existir, a morte está presente. E esta palavra cartel soava, para mim, como aquilo que era comum no século passado, quando as pessoas se batiam em duelo: se falava em cartel. Pois esta provocação para falar é precisamente o que nos parece ser a grande dificuldade nas reuniões de quatro pessoas, que, imaginariamente, estão agrupadas em quatro, mas que têm muita dificuldade em aceitar este traço,

ou seja, esta separação do significante e do significado. O “mais um”, sendo aquele que garante que as coisas andem bem por cima da barra, que sejam suficientemente metaforizadas para ser “comunicáveis”, compreensíveis por alguém que não está em relação dual (na análise, por exemplo), que não está em relação de identificação.

Eu acho que o “mais um” desempenha, num cartel, quase o mesmo papel que o analista numa cura, ou seja, o de estar lá para permitir que uma palavra seja dita com a castração, com o significante remetendo a todos os outros significantes, separados do significado pela barra.

Esta distinção me parece primordial em toda a elaboração teórica, visto que uma teoria é algo que deve ser comunicado, e que o princípio da comunicação é que seja compreensível por alguém que não esteja participando dela.

Eu mesmo achei, naquele momento (há 4 ou 5 anos), que esta “mais uma” poderia ser paga, o que presentificaria a dívida pelo acesso ao simbólico.

Não digo que tenhamos aplicado isso!

Mustafá Safouan – É insustentável o que você diz! Cada um já se encarrega o suficiente de pagar o mais um! Isto me parece...

Robert Mund – Eu não disse que passamos ao ato; disse que há seis anos pensei nisso como fantasma. Acho que, de todas as maneiras, não é o fato de pagar, no real, o que conta, mas, mesmo assim, existe algo que tem relação com a dívida simbólica no “mais uma”. Esta pessoa a mais ou este “algo” é que possibilita uma retroação da palavra. Por isso ele é ator, ou seja, organizador de uma possibilidade de trabalho em cartel, porque isso faz ato, esta pessoa a mais que é quem escuta.

Eis aí algumas ideias. Poderia lhes dizer todas as dificuldades que encontrei nos diferentes cartéis nos quais trabalhamos. E era cada vez que se tratava justamente da barra, ou seja, de abandonar o imaginário, que é subjacente à possibilidade de ser abandonado. É necessário que exista o imaginário para que se possa abandoná-lo. A dificuldade de abandonar o imaginário é que produziu, na maioria das vezes, obstrução no trabalho do cartel.

Gennie Lemoine – É a palavra “empírico” que me chamou a atenção em Safouan. Não penso que sejam propostos três ou quatro porque não se pode trabalhar com vinte, se não se acha uma outra razão para este número. Acho que, se trabalhamos com três, quatro ou seis, isto significa que é o desdobramento da situação analítica que se faz efetivamente entre duas pessoas, mas, talvez, entre quatro polos. É o desdobramento, ao nível social.

E cada vez mais se poderia, desta forma, chegar não a uma instituição, seguramente não, mas a uma sociedade analítica, que deve ser encontrada. Isto era uma primeira questão, há dez anos: o que é uma sociedade analítica?

Mustafá Safouan – Antes que eu esqueça, tenho uma pergunta a fazer a Jacques Lacan: por que o termo “mais uma” é sublinhado? É o único termo que está sublinhado neste texto. Por que você teve a preocupação de sublinhar este termo?

Jacques Lacan – Para que percebam, desde o começo, o que, de todos os modos, viria mais tarde. Em realidade, só o fato de haver-me expressado assim deveria ser suficiente para que se perceba por que não se pode ver, de outra forma; por que eu teria destacado de um grupo esse “mais uma” que se torna um enigma. Enfim, pensei que devia sublinhá-lo simplesmente para que se detenham nele.

Mustafá Safouan – A resposta que eu achei a esta pergunta é que, na enumeração destas funções, a função essencial é a que está indicada pelos termos da discussão, “encarregado da seleção da discussão”. É o termo “discussão”, no sentido em que o sujeito, o analista, não está ligado a “mais uma”; ele está ligado a si próprio. Mas a relação que eu penso ter com o que eu tenho ou possa ter a dizer é uma relação que pode se soltar, e como!

Jacques Lacan – Sim, certamente.

Mustafá Safouan – Isto não implica a função de atar, de alguma forma, a relação entre ele e os outros membros do cartel, mas, sim, a de sustentar a relação que cada um pode ter, no seu trabalho, com o que tem a dizer. É isto que me parece constituir o essencial da função.

Jacques Lacan – É exatamente o que eu desejava que você, Sibony, falasse.



Daniel Sibony – Escutei algumas palavras como recalque, morte (“*mise à mort*”). Isto me incita a dar-lhes como testemunho algumas reflexões que me surgiram a partir da reunião de ontem, independente de toda a experiência de cartel, pois, mesmo tendo funcionado em diversos grupos, eu não me encontrei nunca em um grupo que estivesse sob o título de cartel.

Isto me preocupou de tal forma, que concluí, afinal, que não existe outro problema num grupo salvo este do “mais uma”. Quero dizer que não existe mais que a função do “um”, ou de “uma a mais”, a título de “a mais”.

Vou tentar dar uma explicação sobre isso.

Se partirmos de uma amálgama, de um conjunto de seres falantes, a pergunta sobre o que o faz manter-se como tal, conjunto, pois o que faz viver e descompor esta reunião de seres *a priori* separados, esta questão está seguramente presente. Mas direi que o que decide é a maneira pela qual a repetição trabalha o conjunto. A repetição pode ser puramente numérica: 1+1+1 etc., caso no qual os elementos contam e intervêm a título de “um por um”.

Não é verdade que tal conjunto possa ser sustentado por muito tempo, pois precisamente ele ignora o tempo, ignora o ritmo e a pontuação. E estes elementos só podem manter-se juntos como mortos. É um nível narcisista perfeito demais, ou melhor, é o que poderia se chamar um conjunto trivial. Eu lhes diria, ainda, que o que me sugere esta denominação é que um dos outros nomes do nó borromeano ou dos nós borromeanos de “n” elementos é: nós quase-triviais.

Isto quer dizer que eles têm o mínimo que é preciso para não ser completamente triviais. Mas este é um ponto de vista muito ingênuo, pois em razão dos efeitos da palavra, os conjuntos humanos, por pequenos que sejam, conhecem as determinações sensíveis da sua finitude manifesta – não existe reunião infinita de indivíduos – e acrescentada a esta finitude manifesta, os paradoxos do que se poderia chamar sua infinitude latente, que vêm como sobrecarga para sobredeterminar de uma maneira esmagadora e plural os indivíduos presentes. Assim, o efeito pelo qual tal conjunto foge; o fato de que haja fugas...

Jacques Lacan – Infinitude latente. É isso, justamente, que é a “mais uma”.

Daniel Sibony – Justamente é isto que eu queria articular, pois o efeito pelo qual tal conjunto se fecha, se abre, apresenta intervalos. É o efeito pelo qual ficam esboçadas suas fronteiras e seus limites. Vocês não têm que se surpreender com que este efeito seja contaminado pela invenção do traço mínimo como intermediário da denegação, como consequência do recalçamento, da rejeição. Em resumo, este traço está comprometido com as formas múltiplas e exuberantes da negação.

E visto que se chega repentinamente aos traços, e por eles à escritura, eu diria que um conjunto de seres falantes só se sustenta se está filiado a uma escritura em curso, às impossibilidades de uma escritura, ou, ainda, se ela tem a pretensão de estar acabada, à necessidade de preservá-la, de transmiti-la, e, em consequência, de mastigá-la, ruminá-la e consumi-la. Assim, o conjunto familiar é limitado àquilo que sobra, a criança, testemunha e suporte de uma impossibilidade de escrever a relação sexual.

Quem o consome, quem o nega?

Outro exemplo: o povo do Livro (o que se denomina assim) desfaz numa leitura a leitura precedente e a descompleta cada vez de seus comentários complementares. Chego a algo que me deixou muito sensibilizado. É o que vocês evocaram ontem, quando falavam do grupo de matemáticos.

Este grupo – pois acontece que me é familiar – refere-se a um ser que só se sustenta numa pura escrita, a matemática. É um grupo no qual o coração bate ao ritmo deste ser, para quem testemunhas são propostas sob forma de demonstrações; este ser que se estremece e se nutre de sua aprovação escrita – eu disse bem: escrita em linguagem matemática. Quando isto se escreve é bom. Eu não quero dizer quando se denota em linguagem matemática; há pessoas que confundem a escrita e o fato de deixar traços coerentes. É toda a questão da escritura que elas eludem. Pois este ser, deste complemento-teorema, chega, por assim dizer, a exaltar sua incompletude e transmiti-la aos seres que estão reunidos sob seu signo.

Se existe um “a mais” neste grupo, é o “a mais” do teorema iminente, quero dizer, aquele que não está escrito ainda, mas está a ponto de sê-lo.

É importante o teorema iminente que está aqui sobre o tear, na metade do trabalho, ou seja: aquilo que vai, daqui a pouco, se a sorte lhe sorrir, entrelaçar uma palavra errante, pontuar associações livres e curiosas, à espera (“*en attente*”).

Espera-se este “a mais”, esta unidade suplementar que, caso se acrescente ao escrito, vai avivar a cicatriz deste grande campo aberto (“*béant*”<sup>8</sup>). E quando esta espera impaciente, ativa ou exasperada chega a uma espécie de grande “*prise*”,<sup>9</sup> eu me perguntava ontem por que, às vezes, num grupo, se diz sobre o teorema que se acabou de escrever pela primeira vez: “o matamos”. Porém ele não está morto, e até vamos poder servir-nos dele para fazer muitas coisas. No mesmo instante, porém, num instante fugaz, se o fez chegar ao mesmo tempo que o “a mais”, a um lugar de morto.

Uma morte passou por ele, por este “um a mais”. Ou, talvez, este escrito passou, como um relâmpago, pelo lugar onde a falta desliza e chega ela mesma a faltar.

É uma ideia muito conhecida, a de que todo aquele que aumenta um saber, aumenta uma dor. E isto é bem verdadeiro neste caso: este “mais um”, esta “mais uma unidade de saber”, faz um buraco, um vazio, e leva consigo um “a mais” a título de menos, uma ausência insistente que os perfura.

Isto quer dizer que este “a mais” faz funcionar a morte de um modo muito ambíguo. Não é o lugar do morto que ele presentifica, pois, ao ser designado, este lugar se completa. Talvez seja um traço de morte, em plena decomposição, viva. Talvez um pedaço da mãe obstinada (“*rétive*”) à “*res*”,<sup>10</sup> a coisa-mãe. Pois é importante que este mais apareça irisado de feminilidade.

O que um grupo tem em comum – acho evidentemente esta expressão muito ruim – é o fato de suportar conjuntamente o peso significativo, a tarefa literal deste “um a mais”, que é também o excesso mínimo para que se mantenha. Eu disse há pouco: o nó borromeano tem,

---

<sup>8</sup> Em francês “*béant*”: grande abertura, termo derivado de “*béance*”, hiância, boquiaberto. (N.T.)

<sup>9</sup> Entre aspas, no original. Mantivemos a palavra francesa por estar empregada, aqui, com o sentido em que é usada no Brasil: bebedeira ou ingestão excessiva de drogas. (N.T.)

<sup>10</sup> Do latim, “*res*”: coisa. (N.T.)

não no nível do número de seus círculos, três ou quatro, ou trinta e seis, mas em sua estrutura, na efusão deste “um a mais” sobre todos os elementos, ele tem o mínimo necessário para não ser trivial. Isto quer dizer que todo sub-nó estrito escrito é trivial. Um sub-nó, o nó que se obtém ao fazer abstração de um elemento. Um nó trivial significa que os círculos de barbante passeiam pelo ar e não se ligam entre si. É, pois, este desconhecido, sem o qual isto não se sustenta. Mais eis que, pelo fato de que isto se sustenta, este desconhecido está, por assim dizer, dissolvido.

Ele está comprometido com todos os outros, unido a todos os outros. É uma presença que passou a ser potencial por ter sido, pelo menos uma vez, efetiva. Há, aqui, alguma coisa da ordem do quase, da proximidade do quase, do quase nada, de sua proximidade com a função da morte.

Jacques Lacan – Do quase nada ou do quase tudo?

Daniel Sibony – Na medida em que esta presença, tornada potencial por ter sido, pelo menos uma vez efetiva, é que existe no mínimo um traço a mais, e faz com que potencialmente qualquer um dos seus traços possa animar esta função excessiva, esta função do excesso. Há, aqui, um deslizamento do “ele existe” ao “qualquer que seja”. O importante é que, a partir do momento em que esta “uma a mais” entra em função, ela já está perdida como tal e é transformada em efeito “a” evanescente, inalcançável. Se num nó borromeano, por alguma decisão verdadeiramente tirânica, fora do real (*déréelle*), só um dos círculos pode ser cortado para manifestar o caráter quase-trivial; se então só um círculo suporta o caráter borromeano, se, enfim, um elemento determinado salva o grupo da trivialidade, este elemento se torna predicado. Então nem o nó nem sua escritura mínima seriam mais quase triviais. Ele se referiria a uma forma de tagarelice da escritura.

Em suma, esta “uma a mais” se sustenta no objeto do desejo e, ao mesmo tempo, no “Um” que existe, no sentido em que vocês dizem “há um” (“*Il y a de l'un*”). Tudo depende, porém, de com que Um se defronta este grupo. Pela hipótese absurda que eu fazia, a respeito do nó no qual um único elemento teria o privilégio, contra toda necessidade real de salvar o grupo da trivialidade, vocês podem ver sua significação em que um elemento do grupo imaginaria que sua ausência ou sua presença sustenta a decisão.

Jacques Lacan – Contudo, é disso que se trata.

Daniel Sibony – É, e então é ainda mais paradoxal que alguém; talvez você, no caso, tenha ligado isto a algo realmente quase trivial, e, então, um elemento imagina (existe uma necessidade de que se imaginem coisas semelhantes) que sua presença ou sua ausência transforma o grupo em decidível. Pois ele se imaginaria o elemento sustentáculo do amor ou do ódio absolutos.

Eu disse que tudo depende de com que Um o grupo se defronta. Direi, portanto, que este “mais um” (teríamos que interrogar, aqui, o que quer dizer “mais”, mas isto seria muito demorado) é um fiapo de escritura.

Entende-se que o lugar é muito arriscado, acabo de insistir nisso, que uns e outros o imaginam predicável, mesmo sendo analistas. Haveria, portanto (é um dos pontos que temos que aprofundar), neste “mais um”, a função do resto. O Um seria resto, estaria abandonado o mais próximo possível do ponto pelo qual o real vai insinuar-se no grupo.

Jacques Lacan – É justamente disto que se trata. De que cada um imagine ser responsável pelo grupo, ter que responder por ele como tal.

Daniel Sibony – Pode-se acrescentar que o resto, fora deste “Um” que se imagina, pode também imaginar-se – já houve, na história, muitas orgias de sacrifício por isso...

Jacques Lacan – Ele não imagina sem motivo, já que, de fato, aquilo que faz o nó borromeano está submetido à condição de que cada um seja efetivamente, e não só imaginariamente, o que sustenta todo o grupo.

Então, o que se trata de mostrar não é até que ponto é verdadeiro, mas até que ponto é real, ou seja, quais são as formas de nó capazes de sustentar efetivamente esse real que faz com que, se se rompe um aro, seja suficiente para liberar todos os outros. Isto tem limites que se deve explorar porque há coisas que podem ter toda a aparência de um nó borromeano, e, apesar disso, não ex-sistir como tal, quer dizer, onde a ruptura de um círculo não leva à dissolução do resto, à separação do resto, um por um. É isso. Há maneiras de ilustrá-lo, e esta questão da ilustração coloca por si mesma uma pergunta: é suficiente ilustrar um nó – e só se ilustra colocando-o num plano – para que isso seja a demonstração? A

‘mostração’ (“*mostration*”) seguramente é, mas a demonstração, onde está? Será que ela é o verdadeiro sustentáculo da demonstração?

Daniel Sibony – Sobre isso, adiantarei algumas observações. Primeiro, me referi à função da escritura, e também ao que você chama a impossibilidade de escrever a relação sexual<sup>11</sup>; eu diria, mesmo se a fórmula é um pouco abrupta, quer dizer que há sempre um “mais um”, ou um “mais uma”, num grupo. É o mesmo que dizer “há racismo”, sendo as duas proposições, de certa maneira, equivalentes a uma terceira, que é a sua: não há relação sexual. Este é um primeiro ponto, não vale a pena dizer nada mais.

Em compensação, sobre o efeito de nó, o que tentei pontuar é que o nó pode ser um bom nó, digamos, um nó quase trivial que tenha o mínimo necessário para não se desfazer, se decompor. E, todavia, um pouco pela linguagem e pela língua que ele sustenta, um dos círculos se torna privilegiado pelo imaginário que está em sua frente, e a sua presença e a sua ausência são decisivas, sustentam a decisão.

Isso me faz pensar em alguma coisa que é, talvez, da ordem da demonstração e não da ‘mostração’, do lado do nó mental.

Jacques Lacan – Só existe nó mental.

Daniel Sibony – É que, de certa maneira, a importância de um nó é que ele se faz representar por uma língua, ou um fiapo de língua, ou uma linguagem, de maneira aproximada. E o que há, o que um nó implica, ao nível, então, da demonstração, quer dizer, da necessidade dentro da escritura, da necessidade literal, implica um irresolúvel, uma impossibilidade de decisão – não por ignorância, mas de maneira intrínseca. Para se ajustar a uma metáfora matemática, se você associa uma letra a cada círculo, e você segue o que se chama de grupo ou apresentação de grupo associada a este nó, parece o que se chama, em inglês, “*the word problems*” – os problemas da palavra. Aparece, por exemplo, a questão de saber, tendo sido dadas as identidades fundamentais, quando uma palavra pode se juntar com uma de suas identidades, mediante um algoritmo. Essa é a decisão perfeita, ideal e decepcionante. Infelizmente, e de certa maneira, felizmente, se demonstrou que é impossível, não porque não se

---

<sup>11</sup> “*Rapport sexuel*”, em francês, que Lacan utiliza tomando seu sentido matemático, de proporção, e deveria então se traduzir por “não há proporção sexual”. (N. T.)

chegue, mas se chega a demonstrar que é impossível. Isso pode lhe interessar na medida em que estaria aí o efeito da demonstração. É essa necessidade pela qual certa linguagem quebra a cara diante da impossibilidade desse algoritmo. Isto é a demonstração.

Jacques Lacan – A impossibilidade de infirmar que qualquer coisa seja demonstrável no que concerne a certa proposição.

Daniel Sibony – Não, a demonstração da impossibilidade de um algoritmo. Mas foi demonstrado. Quer dizer, há um algoritmo para demonstrar que não há. Essa impossibilidade, demonstrada, é o efeito máximo da demonstração.

Jacques Nassif – Por várias razões, não posso me situar no nível de rigor e exatidão de Sibony. O que Sibony acaba de dizer me agradou e até confortou, mas me situarei do lado de uma experiência, que foi o que foi, mas da qual acho que só é possível falar agora, muitos anos depois – talvez me situe num nível de intuição sobre o que era e o que não era sempre acessível para mim. Creio ter chegado, nesse pequeno grupo que formávamos, a formular alguma coisa que podia significar o seu fim, e que era “que ninguém entre aqui se quiser fazer obra de autor”. Quer dizer, não há, necessariamente, só a filiação a uma escritura ou a um fiapo de escritura (talvez, mais uma vez, compreenda as coisas de maneira vulgar, dentro do que ouvi), mas talvez haja, também, num momento dado, a vontade de contribuir com uma demonstração, justamente, vontade irreprimível de situar-se como autor, de fazer um livro ou um escrito, um escrito que se mantenha, quer dizer, cujo tema se projete e submeta este escrito à circulação.

Talvez seja justamente o limite deste tipo de grupo, o ponto a partir do qual o “mais um” trata de se encarnar em outro lugar, longe do grupo.

Jacques Lacan – Que pensa você, Sibony, da fórmula que comentei ontem, e que está evidentemente fundada sobre o tema de Bertrand Russell, de que, na matemática, não se sabe de que se fala? Substituindo o “que” por um “quem”, justamente alguma coisa referente à pessoa, ao sujeito, que será que se pode dizer que, para um matemático, é suportável?

Em outros termos, se pode dizer que fazer da matemática algo transmissível é da ordem de um “quem”? Que a matemática é um sujeito?

É o “uma a mais” de todo matemático. Tanto é assim, que toda a comunidade matemática se rompe se não tem essa “uma a mais”, a matemática, a matemática como sujeito. Bertrand Russell não viu isso porque estava, o que é curioso para um matemático, centrado no objeto, um objeto que é puro sonho. Não há nenhuma objetividade matemática. Ele o afirmou, o que é bastante curioso para um matemático. Então, se não é um objeto, o que é?

Daniel Sibony – Gostaria de responder: isso já não é mais um sujeito. Você diz: não se sabe do que se fala, mas se sabe de quem; é o que eu tentava fazer sentir nessa pulsação pela qual, desde que o “a mais” é adquirido, já está perdido, quer dizer, desde que entra em função, está caduco.

Jacques Lacan – Está caduco e, no entanto, é adquirido.

Daniel Sibony – É adquirido de tal maneira, que, fora algumas satisfações narcisistas importantes, já que falamos do que é imaginado, e não se fala mais, quer dizer, por um lado não se fala mais, porém, quanto a saber de quem se falava, tenho a impressão – falei da mãe obstinada (“*rétive*”) ou da coisa, mas, de certa maneira, não se sabe mais de quem se fala, sob o risco de repetir a tentativa ou a tentação. É evidente que há um efeito de sujeito. A prova é que se pode falar de três ou quatro, e produzir o “a mais”, e, então, supô-lo.

Se isso interessa, se deveria chegar a um enunciado como este (só que não vejo o que se poderia fazer com ele): um grupo de analistas seria, então, um conjunto de pessoas com – “a mais” – a psicanálise ou o objeto da psicanálise. Quer dizer, seria um grupo de analistas onde cada um se chamaria psicanalista ou funcionaria como tal.

Mustafá Safouan – Em relação a esta fórmula, eu não estive aqui ontem, mas direi que há uma perplexidade que não é única em seu tipo, ou seja, que, num sentido, não há matemáticos sem matemática, mas não há matemática sem matemáticos.

Mas, quando se propõe a modificação da fórmula que você acabou de dizer agora, ainda falta explicar o “quem”. É a matemática. O problema, no entanto, volta a aparecer. A matemática, que seria a “mais uma”, é um sujeito? O que nos dá a sua especificidade em relação ao matemático, sem o qual não há matemática possível?



Jacques Lacan – Sobre isso eu interrogava um matemático. Um matemático se defronta, na matemática, com uma pessoa.

Daniel Sibony – Sobre isso, podemos estar de acordo.

Jacques Lacan – É por isso que toda essa gente – não é por nada que em “*Ornicar?*” nos foi mostrada uma imagem simiesca da gramática, porque se imagina que há outras além da matemática. Quanto à gramática, é tão problemática quanto a análise. Para a matemática, é certo que é uma pessoa. O fato de que vocês concordem em dizê-lo tem o valor de testemunho.

Daniel Sibony – Eu simplesmente o formularia assim (acho que é assim como você o entende): se fala como de uma pessoa.

Jacques Lacan – Um matemático tem o sentimento do que se passa ou do que não se passa. Em relação a quê, e em relação a quem? A comunidade matemática não é o juiz último. A prova é que, quando Cantor expôs toda a sua máquina, houve uma parte dos matemáticos que lhe cuspiu no rosto, e ele então teve o sentimento de que estava louco. Contudo, ele continuou. Tratava-se de matemática. Não é a mesma coisa com a análise, porque a análise deve ser criada.

Juan David Nasio – Mas eu diria, sem ser matemático: será que essa pessoa não percebe o fato de que não há matemática sem escritura? Quer dizer que é na própria escritura que o sujeito se instala, se produz, entendendo “escritura” como traço escrito. A comunidade dos matemáticos se faz no papel.

Teríamos que achar analogias e diferenças com o analista. O analista escreve também. Escreve e fala, quer dizer: ele está em relação com as duas singularidades materiais: o traço e a voz.

Jacques Lacan – Os matemáticos, na matemática, no sentido que eu dou a esse termo, eles creem isso (“*Il y croient*”<sup>12</sup>). E não se pode fazer nada. Eles creem isso.

---

<sup>12</sup> Lacan introduz uma variação no uso do verbo *crer*, *croire*, diferenciando entre *crer em*, (*croire à*, *croire en*) e *crer isso* (*y croire*), que parece indicar neste último caso uma forma de *crer* direta, quase uma certeza. (N. T.)

Christiane Bardet Girardon – Sim, eles creem isso: há um consenso matemático. Não há um consenso analítico, e não deve haver uma cumplicidade analítica. Penso que é aí que se inscreve justamente o funcionamento do cartel, na medida em que o cartel pode ser, com efeito, algo original que pode introduzir uma dimensão analítica numa pesquisa, para impedi-la de tornar-se matemática ou universitária. Quer dizer, no cartel, ou, pelo menos, no que entendemos ou lemos sobre ele, se pode pensar que a dificuldade é a mesma que no contrato analítico, ou seja, se tem que sustentar aquele paradoxo que é o encontro de um desejo; o desejo de fazer coisas juntos, de fazer algo como sujeitos, e, por outro lado, certo número de regras que são regras rígidas. E me parece que o cartel, o que tem de propriamente analítico é justamente esta repetição destes mesmos dados básicos, ou seja, o enfrentamento de uma busca, de uma busca de sujeito, que, para conservar sua autenticidade, não deve se transformar em cumplicidade.

O específico da matemática é que, no fundo, a pessoa matemática (não sou completamente uma matemática) se defronta com a verdade, uma verdade que não é discutível desde o momento em que se é matemático. Cantor não tinha chance nenhuma de ficar maluco, porque ou se podia seguir seu raciocínio (se você era matemático), ou, pelo contrário, não se podia refutá-lo nem questioná-lo. No que concerne à posição do analista, segundo o meu ponto de vista, é bem diferente. Então, acho que deveria sofrer, também o cartel, certa modificação. Tem gente que pensa – com razão ou não, não sei, não tenho muita experiência de cartel – que quem escolhe o tema do cartel é o mestre (“*maître*”). Não penso que seja assim. Acho que, no cartel, deveria introduzir-se, da mesma maneira que usamos o termo analisante, dois termos que seriam: “cartelizado” e “cartelizante”, e que um cartel só pode funcionar se ele está formado unicamente por cartelizantes. Talvez, com efeito, para sustentar esse funcionamento, é necessário “uma a mais” em algum lugar, não sendo uma pessoa, nem uma máscara, que é a própria expressão da pessoa, talvez a morte, como dizia alguém esta manhã, mas, de qualquer jeito, seria uma função, ou seja, uma coisa lábil, que se produz em certa circulação.

Jacques Lacan – (a Daniel Sibony) Conte o que expressava o seu sorriso quando eu disse que os matemáticos creem isso (“*y croient*”), na matemática. Diga o que pensa, porque é a única coisa de que se pode dizer

que se crê ela com razão, e que se apoia nesta fórmula: crer isso (“*y croire*”).

Todos os que conheço como matemáticos distinguem bem entre o que é a matemática e o que não é, e a única coisa em que não creem, mas na qual creem, é na matemática. É o que define um matemático. A fórmula “crer nela” (“*y croire*”) lhe parece ter seu peso?

Daniel Sibony – Se você a utiliza, é que já advertiu seus outros usos, principalmente crer em Deus (“*croire en Dieu*”).

Jacques Lacan – É isso que me chateia. Está no “em”. Não é o mesmo que o “à”. Se crê, com efeito, em Deus, quer dizer, no interior desse ser mítico, se é que a palavra “ser” convém. Dizer “creio em Deus” é perfeitamente adequado; quer dizer que está imerso nesta crença. Mas crer “à” não é a mesma coisa. É por isso que disse que, no sintoma, se “crê isso” (“*on y croit*”), de maneira que seria levado a pensar que a matemática é um sintoma, como uma mulher. É por isso que estou contente de que seja na forma “mais um” que isso se sustenta.

Diga, porque não me considero matemático, se creio isso, em qualquer coisa, não sou matemático. Mas conheço certo número, além de você, que crê isso. Poincaré cria isso.

Daniel Sibony – Talvez isso defina o matemático. É talvez por isso que, de certa maneira...

Jacques Lacan – O matemático tem a matemática como sintoma.

Daniel Sibony – Sim, é talvez por isso que produzir matemática não o define como matemático, ao contrário do que dizia Descartes. Tem que crer. Mas, então, o que seria esse ser, a matemática, que só se sustenta na escritura? O que seria um sujeito que só se sustentasse na escritura?

Jacques Lacan – Será que só se sustenta na escritura? Pode-se apalpar que se sustenta sempre na escritura.

Pergunto-lhe, porém, sobre a diferença entre mostraçãõ (“*mostration*”) e demonstraçãõ. É disso que se trata, afinal.

Mustafá Safouan – Será que um matemático analisado se cura desta crença?

Jacques Lacan – É, na verdade, uma pergunta. O sintoma matemático é curável?

Daniel Sibony – Queria fazer uma observação; não uma resposta à sua pergunta...

Jacques Lacan – Você está curado da matemática? (risos).

Daniel Sibony – Aí está toda a ambiguidade de crer isso; é que, na medida em que ela tem também alguma coisa de brincadeira (“*jeu*”), se pode brincar de crer nela. Ou melhor, pode-se permitir que se nos suponha crentes pela escritura que passa, e uma vez que esta (a escritura) está terminada, ser suposto de haver crido nela. Mas o matemático incurável, um pouco como meu vizinho sugeria, crê, mas não seria livre para não crer.

Jacques Lacan – Ele é incontestavelmente não livre para não crer.

Daniel Sibony – É uma crença, no entanto, bastante esquisita, já que é, afinal, toda a função de sujeito desta escritura, já que ela pode surpreendê-lo, mas não o pode enganar.

Jacques Lacan – É verdade.

Daniel Sibony – Ela pode surpreendê-lo até o ponto de uma catástrofe, mas não enganá-lo até a menor angústia. Dito de outra maneira, seria um sintoma sem angústia.

Jacques Lacan – Há mil sintomas sem angústia. É nisso que distingo a angústia do sintoma, como Freud.

Enfim, creio que, de qualquer maneira, de acordo com o pedido de Faladé, eu confessei o que há detrás desta espécie de proposição duvidosa que representa o cartel. Isto fará com que se conheça um pouco mais do que eu quero dizer, pelo menos.

Então, suspendemos a sessão?

(A sessão é suspensa às dezesseis horas).

Post-scriptum– (sobre as provas)

Daniel Sibony – Acrescentaria a seguinte observação, que, para mim, pode dissipar o nevoeiro da questão: a “mais uma” é uma presença, a mais, do Um. Há religiões onde quando três “fiéis” se juntam, há uma presença do Um que invocam, que se dispersa com eles. Esta “uma a mais” não tem, portanto, nenhuma necessidade de encarnar-se para funcionar, e este efeito não se mostra, mas se demonstra.

#### IV – Jornada de Estudo dos Cartéis da Escola Freudiana

##### “Sessão de Encerramento”

Solange Faladé – Chegou a hora de concluir. Se nossas jornadas tivessem funcionado como um congresso, teríamos que ouvir agora as exposições dos trabalhos dos diferentes grupos. Nada disso. Teremos as atas das jornadas.

Esta sessão, chamada de encerramento, não deve pôr um ponto final neste intercâmbio entre os diferentes cartéis da Escola. Trata-se de uma sessão inaugural. Quer dizer que outras reuniões estão previstas, a partir de agora.

Além disso, se é verdade que até hoje foram poucos os cartéis (no sentido em que o Dr. Lacan os entende) que funcionaram na Escola, segundo o que foi trazido durante estas jornadas, se pode prever um relançamento desta forma de trabalho.

Como foi sublinhado esta manhã, a estrutura que Lacan quis para estes cartéis, na Escola, deve permitir que se evitem dois obstáculos: o totalitarismo e o liberalismo.

No transcurso destas discussões sobre os cartéis, se muitos pontos estão agora mais claros – muitos pontos esquecidos da Ata de Fundação – ainda resta um ponto escuro para muitos de nós, que é a necessidade desta “mais uma pessoa”, uma função na vida do cartel que, talvez, o Dr. Lacan pudesse esclarecer-nos um pouco mais.

Jacques Lacan – Disse – lamento que minha querida Solange não tenha estado, mas ela não podia estar em toda parte ao mesmo tempo, se bem que esse é o seu costume! Disse certas coisas e para ela vou repeti-las. Disse certas coisas cuja essência se referia à matemática, e, para dizê-lo (porque a

lei da palavra é de que se refira às palavras anteriores), partia de Bertrand Russell, que não é o último a chegar entre os matemáticos. Longe disso, já que foi ele quem, nos *Principia*, que vocês conhecem, suponho, que vocês pelo menos têm o título na cabeça, é ele que chegou a enunciar que os matemáticos não sabiam do que falavam. Propus uma modificação desta fórmula a alguém que tem alguma formação matemática e obtive a aprovação de um outro que não conhecia, uma jovem que se apresentou a mim, depois, como matemática. A ela (não sei se também ao matemático que citei) pareceu satisfazer que eu tenha substituído esse “eles não sabem do que falam” por “eles sabem, pelo contrário, muito bem de quem falam”.

Por enquanto, me limitarei a isto, porque esse “de quem” em questão, que pode se sustentar num nome, numa referência, chamá-lo de “a matemática” é dar à matemática, como me fizeram observar, o valor de uma pessoa. A pergunta pode ser feita, com algumas objeções. Poder-se-ia sustentar que uma pessoa, podendo ser considerada essencialmente como o que é, é substância para um pensamento, quer dizer, substância chamada pensante, o que não exclui que se possa ir mais longe e identificar a matemática como uma pessoa.

Mas se eu estava presente neste lugar onde se discutia a função do cartel, era porque me interessava particularmente. Interessava particularmente o fato de que o que eu havia antecipado na minha proposta para o funcionamento da Escola recebeu, depois dessas jornadas, um grande impulso. Gostaria que se instaurasse a prática desses cartéis que imaginei, de uma maneira mais estável, na Escola.

O ponto central pelo qual justifico a indicação do termo “cartel”, não o posso dizer, a partir de agora, pois não vejo por que eu faria uma ruptura; até este momento, cada um fez ato de candidatura para ser membro da Escola a título individual, deve ser dito; é assim que isso acontece. Foi examinado, ao nível de um organismo que se chama Diretório, se íamos admitir ou não, a título de membro, alguém na Escola. Entenda-se bem: foi bem colocado, no princípio que regula a admissão na Escola, que não é de nenhuma maneira obrigatório ser analista, e que, pelo contrário, a Escola tem o que aprender de quem, formado numa disciplina diferente da análise, possa contribuir com o que se chama, geralmente, de conhecimentos para aumentar o dossiê que, seguramente, a nós analistas – e já foi provado – nos falta, e para trazer-nos algum material onde possamos apoiar a nossa

prática. É aí mesmo que está a ideia de enunciar um termo, e este ano escolhi o termo consistência para designar justamente o que resiste, o que pode fazer parte de um real.

Então, o que deve ser explicado no meu enunciado, minha proposta de entrada na Escola não a título individual, mas a título de cartel, seria o que se podia esperar que se realize daqui em diante, e é o que, repito, não pode ser definido como condição, mas seria esperável que entre nas cabeças, e que entremos em várias cabeças a nome e a título de cartel.

Há um segundo aspecto nessa noção de cartel: é porque e da forma em que o proponho (já que estamos ainda aí), como constituído por um número não muito grande, um número mínimo; porque esse número mínimo, enunciado como quatro; já que disse três mais uma pessoa e não ousei ir além de cinco, o que, adicionado uma pessoa, se torna seis, porque considero esperável que o cartel tenha de quatro a seis. E é isso que deve ser justificado e que espero articular, talvez já no meu próximo seminário, tendo em conta que não creio que tenha mais que dois para finalizar o ano, uma vez que o anfiteatro que ocupo, e onde vocês são numerosos – numerosos demais para o meu gosto – será mobilizado para a função dos exames a partir de certo momento de maio, que ainda não foi determinado.

Então é aí, nesses dois últimos seminários, que espero justificar, quero dizer, justificar para vocês, para o seu entendimento, porque este número mínimo é exigível, porque há necessidade de que não se ultrapasse este número.

Há, aí, razões que espero lhes fazer entender, que estão ligadas à própria estrutura, a qual, de qualquer maneira, não situa este número por baixo de certo nível, e considera como muito pouco o dois, e, mesmo, o três. Isto deveria ser justificado porque, evidentemente, o três, eu insisti bastante para que pareça desejável. Porque o quatro, no começo, é, repito, o que falta situar.

Há, no entanto, coisas que deveriam incitar-nos a ter menos prudência, digamos, uma prudência mínima que seria também um mínimo de rigor. É, de qualquer maneira, uma experiência patente a existência de comunidades que chamamos, não por acaso, religiosas, que, por elas mesmas, não viram nunca, e jamais viram sem reticência esta limitação do número.

Parece que não há limite para o que a comunidade religiosa possa representar. Não é certamente sem razão. E são razões que, lhes repito, espero fazer-lhes entender. O anonimato que preside a comunidade religiosa é algo que já deve lhes fazer pressentir que, nesse pequeno número, há uma ligação com o fato de que cada um leve, nesse pequeno grupo, o seu nome.

É verdade que não temos o mesmo objeto que domina o fenômeno da comunidade religiosa, pois o que nos interessa, na nossa prática, não é o que interessa a uma comunidade religiosa. Quando digo “religiosa”, é uma maneira de dizer; não ponho todas as religiões num mesmo saco, já especifiquei qual é a que domina por estes lados, a cristã, que não saiu do nada, saiu da judia, e a leva ainda de uma maneira bem singular. As relações entre a comunidade judaica e a comunidade cristã estão marcadas por algo para o que espero que o termo sobrevivência, para designar a maneira pela qual a judia continua dentro da cristã, não lhes parece muito exagerada – é uma maneira de conotá-la, poderia haver muitas outras maneiras de indicá-la, maneiras às quais, talvez, volte em seguida. A comunidade religiosa tem por fundamento o que se pode designar como um mito, o mito que designa esse Deus que está longe de ser simples. É bem complexo, tão complexo que foi necessário que a comunidade cristã se deixasse forçar, e o articulasse como trinário; já disse, por ocasião do meu seminário, o que pensava: só a comunidade cristã se deu conta de que não havia Deus sustentável que não fosse tríplice.

O curioso é que, evidentemente, se falou muito, se escreveu muito sobre esta trindade, mas nunca se deu nenhuma justificativa; e eu me sinto, com ou sem razão, com o privilégio de ter, pelo meu nó de três, dado uma forma do que poderia se chamar seu real.

Alguém me conta ter visto – e eu o assinalo porque o recebo com muito interesse – na Biblioteca Nacional, numa exposição de miniaturas, uma coisa que se encontraria atualmente (a pessoa tomou nota) na Biblioteca Municipal de Chartres. Alguém, então (espero vê-lo, porque tem que controlar), teria visto um nó borromeano com o enunciado, ao lado, “*trinitas*”. Ele teria visto os três pequenos traços com os que, vocês sabem, eu simbolizo esse nó borromeano, os três pequenos traços que se cruzam de certa maneira, de maneira com que se fazem feixes com fuzis, se põem três fuzis e aquilo fica em pé. Eles se apoiam circularmente um sobre o outro, e



é o mesmo – não o disse no seminário porque não me parecia uma coisa para ser dita, mas todo o mundo sabe que, naquela coisa que serve como símbolo de certo gaelismo, e até de uma Bretanha que acorda o *triskel*<sup>13</sup>, é uma coisa que realiza essas três pequenas pontas da maneira como, em geral, eu as desenho no quadro como ponto de partida, e a esse *triskel* reduzido, que é tanto um nó borromeano como a forma completa, a esse *triskel* estaria agregada a indicação escrita “*trinitas*”.

O que, de tudo isso, tem relação conosco? A relação se limita a que, se eu definisse algo chamado análise, eu a chamaria não de religião de qualquer Ser Supremo, como muitos, inclusive entre nós, nunca deixaram de considerar. Já disse que nem sequer estou seguro de não ter sido pego em flagrante de delito de deísmo, e vocês verão logo: se falo de religião do desejo, e não parece nem mesmo isso, sobretudo se o desejo me parece ligado não só a uma noção de furo, e de furo onde muitas coisas se turbilhonam de modo a serem ali absorvidas, mas só o fato de juntar aí esta noção de turbilhão é, evidentemente, fazer múltiplo esse furo. Quero dizer, com isso, fazê-lo conjunção pelo menos; para desenhar um turbilhão, lembrem-se do meu nó em questão: é necessário pelo menos três para que isso seja furo turbilhonante. Se não há furo, não vejo muito bem o que temos que fazer como analistas, e se esse furo não é pelo menos triplo, não vejo como poderíamos sustentar nossa técnica, que se refere essencialmente a algo que é triplo, e que sugere um furo triplo.

Em todo caso, no que se refere ao simbólico, é verdade que há alguma coisa sensível que se esburaca. Não só é provável, mas manifesto que o que se relaciona com o imaginário, quer dizer, com o corporal, é o que surgiu primeiro, aí não só se esburaca, mas a análise pensa nestes termos em tudo que se relaciona com o corpo, e toda a questão é saber em que a incidência da linguagem, a incidência do simbólico da linguagem, é necessária para pensar aquilo que, ao redor do corpo, na análise, foi pensado como ligado, digamos, a diferentes furos. Não há necessidade, aqui, de remarcar com o oral, o anal, sem contar os outros que achei necessário acrescentar para articular o que é a pulsão. Não há necessidade de remarcar que a função dos orifícios do corpo nos mostra que não é um simples equívoco transportar o termo “furo” do simbólico ao imaginário.

---

<sup>13</sup> Em português, trevo. (N. T.)

Acerca do real, é claro que tento fazer funcionar esse real a partir desta simples observação: defini-lo como o universo é impô-lo como cíclico, como circular, é introduzir, aí, o Um, pois é essa a noção de universo, é torná-lo englobante com relação ao corpo que o habita, é fazê-lo mundo. Não estou certo de que o real faça mundo, e é por isso que tento articular algo que diz, que ousa enunciar pela primeira vez, que não é certo que o real forme um todo. É evidentemente difícil ver que física poderia se instaurar, se não se admite que pelo menos algumas porções deste universo são isoláveis, fecháveis (“*fermables*”). É aí que se assenta, vocês sabem, a própria noção de energia; a ideia de que a energia é constante é o princípio e a base sobre a qual, em física, se pode dizer que repousa a própria noção de lei, e a ideia de que há um todo é algo sem o qual não se pode ver como a ciência se sustentaria.

Mas, afinal, é curioso que não tenhamos mais nenhuma ideia perceptível dos confins deste universo, e o que, em suma, enuncio, me atrevo a enunciar, é que a nós, analistas, nada obriga a fazer do real uma coisa que seja universo, que seja fechada. A ideia de que este universo é simplesmente a consistência de um fio que se mantém não chega a torná-lo cíclico, mas já é bastante como hipótese, e, para nós, pode ser suficiente. Quero dizer que, com dois ciclos e uma reta até o infinito, o que já é avançar muito para o real, fazemos um nó, um nó borromeano que se mantém totalmente, que é verdadeiramente um nó.

De maneira que o fato de podermos sustentar a ideia de que o real não é tudo, é, pelo menos, um reassentamento que deve interessar aos físicos, e os físicos se acostumarão com a ideia de que se pode, talvez, pensar o real sem pôr nele uma constância, a constância chamada energia, e é aí que já se enuncia a ideia de que a constância não é a consistência. Reduzir a constância à consistência, isso poderia ser sustentado pelos físicos.

Enfim, não é a uma física vindoura que eu estou tentando engajá-los. Nós, nosso tema, é o de perceber aquilo que é impactante, na nossa experiência histórica, e que é essencial para nós. Ou seja, que há nomes. E o fato de que haja nomes parece ser completamente nodal – quero dizer que, até onde chega a memória humana, se deu nomes às coisas; isso subsiste até em Freud. É um fato que deve deter-nos. Não é por nada, me lembro, que quando escrevi *A Coisa Freudiana*, tive à minha volta um

monte de pessoas que tomaram um ar desdenhoso: “Por que é que ele chama isso assim, é uma vergonha, tudo o que tentávamos era justamente opor-nos à reificação?”. Eu nunca fui dessa opinião, nunca pensei que, quando se produziu uma ruptura, a de 53, era porque divergíamos sobre o fato de reificar ou de não reificar aquilo de que se tratava na prática; era reificar de boa maneira. Se eu chamei algo de *Coisa*, e, principalmente, de *Coisa Freudiana*, é evidentemente para indicar que há Freud na Coisa, na Coisa que ele nomeou e que é o inconsciente, e o termo “freudiana” não tem aí a função de um predicado, não é uma coisa que *a posteriori* toma a propriedade de ser freudiana. É bem verdade que é porque Freud a enunciou que ela é uma coisa, e como eu sugerira a alguém recentemente, falar do inconsciente como daquilo que antes de Freud não existia não é uma maneira tão má de se expressar, por uma boa razão: é que, afinal das contas, uma coisa só ex-siste, só começa a funcionar a partir do momento em que é realmente nomeada por alguém.

Então tento, na nossa experiência, reduzir esse nomeável porque, de qualquer forma, podemos permitir-nos mascarar assim todo tipo de coisas com nomes. Isso sempre se fez a torto e a direito, e tento limitar-me a nomear só o que chamo, junto com Freud, o *Urverdrängt*, o que se resume, em suma, a nomear o furo. É partir da ideia do furo, e dizer, ao invés de “*fiat lux*”, “*fiat furo*”. E pensem que como Freud, que ao enunciar a ideia do inconsciente, não fez outra coisa. Ele disse logo que havia algo que se faz furo, que é ao redor disso que se estende o inconsciente, e que este inconsciente tem a propriedade de só ser, por esse furo, aspirado, tão bem aspirado, que não estamos acostumados a reter dele nem uma pontinha. Ele desaparece inteiro nesse furo.

Falar da Coisa Freudiana como constituída essencialmente por esse furo, esse furo que tem um lugar, um lugar no simbólico, é dizer algo que, pelo menos, e posso provar isto, pode se sustentar por certo tempo, e como esse tempo começa a alongar-se (“*faire une paye*”<sup>14</sup>) e durante esse tempo não houve muitas contradições de peso; quer dizer que o que eu enunciava começa a sustentar-se pelo fato de durar todo esse tempo.

Identifico esse furo com a topologia: fiz alusão a isto no meu último seminário. A topologia – acho que já indiquei –, pelo menos fiz sentir a

---

<sup>14</sup> “*Faire une paye*”, expressão que significa o tempo que transcorre entre um pagamento e outro. (N. T.)

alguns, não se concebe sem esse nó que, como dizia a outro grupo, não é simplesmente algo. Seja qual for seu aspecto de nó, está no real, mas o interessante é que está no mental: é a primeira vez que se vê algo que conjuga o mental com o real nesse ponto; é que, no mental, isso faz nó também. É verdadeiramente impossível não situar o nó no mental e, ao mesmo tempo, perceber que o mental está aí inadaptado, ou seja, que esse nó ele o pensa tão dificilmente, que não podemos não ver uma coisa que nos daria o que chamei, no meu último seminário, algo como um pressentimento, se se pode dizer, do que poderia ser, afinal, o furo em questão.

Tudo isso, claro, é uma precipitação, por que não dizê-lo. Depois de andar sem meta, todos sabem que eu me vangloriei de ser dialético, e que usei o termo antes de chegar a esse turbilhão. É o caso de perceber que qualquer um que fale de dialética evoca sempre uma substância. A dialética é sempre predicativa, produz antinomia, e não há predicado que não se sustente por si mesmo numa substância; é muito, muito difícil dizer “a” substantivamente, sobretudo por nos imaginarmos, cada um de nós, sendo uma substância. É muito difícil, evidentemente, tirar-lhes isso da cabeça, pois tudo demonstra que vocês são, no máximo, cada um, um pequeno furo, um furo, claro, complexo e turbilhonante, mas é verdadeiramente muito, muito difícil pensar-se como substância, se não é como substância que tem a propriedade de ser pensante, e aí se torna, na verdade, desesperador pensar até que ponto seu pensamento é manifestamente impotente. Parece que é mais sólido referir-se a outras categorias e perceber que, por exemplo, se pode enunciar sem dizer absurdas proposições como esta, avançá-las com alguma chance de chegar perto, e que se existe o indecível (evoquei isso há pouco), é um indecível que se sustenta só nisso: que o enodamos, que existe o indecível, mas que a ideia vem desta segurança que dá a matemática, precisamente, de que não há um não-nó, se posso dizer, pois é a única definição possível do real, e que apertar os nós só serviria para não escorregar indefinidamente, e é para isso que nos esforçamos na análise. Porque o que é a análise, no final das contas? É uma coisa que se diferencia disto, é que nos permitimos uma espécie de irrupção do privado no público. O privado evoca a muralha, os pequenos assuntos de cada um, que têm um núcleo perfeitamente característico, o de tratar-se de assuntos sexuais. É esse o núcleo do privado. É, de qualquer jeito, engraçado que esse público, no qual fazemos

emergir o privado, tenha um laço completamente manifesto, para os etimologistas, com “*publis*”,<sup>15</sup> ou seja, o público é o que emerge do que é vergonhoso, pois, como distinguir o privado daquilo de que se tem vergonha?

É claro que a indecência de tudo isso, indecência do que se passa numa análise, em virtude da castração, para a qual a análise foi feita para evocar sua dimensão a partir de Freud, em virtude da castração, esta indecência desaparece. Toda a questão é, então, esta: tirar da castração um gozo. É isso o mais-de-gozo. Em todo caso, é tudo o que é permitido até agora, a qualquer pessoa, se é que a palavra “pessoa” designa pessoa.<sup>16</sup> Designa uma substância pensante, sem dúvida, mas o que tentamos, inclusive, quando nossas preocupações não são absolutamente substanciais, nem substantóforas,<sup>17</sup> o que tentamos é fazer ingressar isso, essa noção de substância pensante, num real. Então isto não é tão fácil porque há um monte de coisas que nos fazem atolar. Atolamos, por exemplo, na ideia de vida. É uma ideia assim, e é bastante curioso que, apesar de tudo, Freud promoveu o Eros, mas não chegou a identificá-lo totalmente com a ideia de vida, e distinguiu a vida do corpo e a vida levada pelo corpo no germe.

A vida, se se pode dizer, apesar do uso que dela fez Freud, tem relação com aquilo com o que não há nada a fazer, com o que passa por sua antinomia com a morte.

A morte, pensemos o que pensemos, é puramente imaginária. Se não existisse o “corpo” (“*corps*”<sup>18</sup>), se não houvesse cadáver, o que nos faria a ligação entre a vida e a morte? Naturalmente, esta ideia<sup>19</sup> de cadáveres amarrados como se fossem legumes, nós nos propomos a enodar isto, é esta a nossa ocupação principal. Se não houvesse isto e não existissem estátuas, o lado delirante desses seres chamados humanos para fabricar suas próprias estátuas, ou seja, coisas que não tem nada a ver com o corpo, mas que se parecem, temos que agradecer às religiões que proibiram essa obscenidade. Além do mais, é horrível de se ver! O que há de mais horrível de se ver que

---

<sup>15</sup> *Publis* ou *publicus*, do latim, relativo ao povo ou ao Estado, público em oposição ao privado, mas também pode significar vulgar, trivial ou ainda o que se prostitui. (N.T.)

<sup>16</sup> Em francês, “*personne*” significa pessoa e ninguém. (N.T.)

<sup>17</sup> Neologismo de Lacan, em francês: “*substantophores*”. (N.T.)

<sup>18</sup> “*Corps*”, francês. Século XII: O corpo humano depois da morte. Entre aspas, no original. (N.T.)

<sup>19</sup> “*Cette idée du poireau, de la botte de cadavres*”: Associação a partir da expressão “*botte de poireaux*”, molho de ervilhas ou leguminosas. (N.T.)

um ser humano, pergunto! Um ser humano, uma forma humana. É curioso que... enfim, é necessária a existência da religião chamada católica para achar suas delícias. É evidente que ela tem alguma coisa a ganhar com isso; é patente, se nota bem o mecanismo, ela aposta no belo. Por outro lado, o que é toda essa história chata de Evangelho, é o caso de dizê-lo, se não é a exaltação do belo? Mostrar-lhes-ei isso uma outra vez.

Enfim, “*perinde ac cadaver*”<sup>20</sup>; isso quer dizer que a castração, que nós mesmos chegamos a perceber que é um gozo, por que é um gozo? Vê-se muito bem, é porque nos libera da angústia. Então, o que é a angústia?

É curioso que não se tenha pego o exemplo do pequeno Hans, de Freud. A angústia está precisamente localizada num ponto da evolução deste verme humano. É o momento em que um pequeno bom homem, ou uma futura boa mulher percebe o quê? Percebe que está casado com o seu pau.<sup>21</sup> Vocês me desculparão de chamar isto assim, é o que se chama geralmente pênis ou pinto,<sup>22</sup> o que aumenta de tamanho quando se percebe que não há nada melhor para fazer falo, o que é evidentemente uma complicação, uma complicação ligada ao fato do nó, à ex-sistência, é o caso de dizê-lo, do nó. Se há, no entanto, alguma coisa nas *Cinco Psicanálises* feita para mostrar-nos a relação da angústia com a descoberta do peruzinho (“*petit-pipi*”), chamemos isso assim também. De qualquer maneira, é claro, é concebível que, para a menina (“*petit fille*”), como se diz, isso se estende mais e é por isso que é mais feliz; isso se estende porque é preciso que ela leve certo tempo para perceber que não tem peruzinho. Isso lhe produz angústia também, mas uma angústia por referência, por referência àquele que está aflito, digo “aflito” porque falei de casamento e tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente bem-vindo. Daí o êxito da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que não seja esta: o que permite romper o casamento com o peruzinho.

Enfim, deixemos isso de lado e vamos às coisas sérias, quer dizer, não seria uma maneira ruim de enfrentar o que se chama a vida, a de

---

<sup>20</sup> “*Perinde ac cadáver*”: em latim, no original. Expressão com que Santo Inácio de Loiola, em suas “constituições”, prescreve aos jesuítas a disciplina e a obediência a seus superiores. Literalmente, “como um cadáver”. (N.T.)

<sup>21</sup> “*Queue*”, em francês: rabo; expressão popular equivalente a “pau”. (N.T.)

<sup>22</sup> “*Pine*”, em francês: pinto. Pênis, em sua origem latina, alude, também, ao rabo dos quadrúpedes. (N.T.)

considerá-la como parasita? Dizer que ela é parasita da morte seria exagerado, seria fazer um laço muito apertado no que acabo de dizer. Ou seja, que não há a mínima relação, a não ser este assunto do corpo que se joga no furo. É justamente isso que nos diz o que é a vida, o parasita de algo que só se concebe como furo. É inclusive ao redor disso que o real se torna cíclico, e que se pode querer que seja nessa *cabana* que a vida parasite. Daí tudo se desenrola. Não posso dizer que Freud chegou até aí, mas ele disse bastante, que o germe é, no fim das contas, um parasita – é o que me parece surgir do *Além do princípio do prazer*. Evidentemente, não o disse claramente, mas teria feito menos escândalo que o que eu faço agora quando o digo. Mas isso teria também tornado as coisas mais leves. Isso lhe teria permitido chamar de outra maneira o princípio de realidade, que é simplesmente um princípio de fantasma coletivo, dizia ontem à noite ao júri de recepção: “Quais são os seus critérios?” Perguntem-me pelo júri de recepção, para nomear alguém A.M.E.<sup>23</sup> Vou lhes dizer: é o que se chama bom senso; quer dizer, a coisa mais difundida no mundo. O bom senso é isso. “Nesse aí, se pode ter confiança”, nada mais. Não há nenhum outro critério. Há gente que propomos para A.M.E. E se as pessoas que estão lá, e foram escolhidas incontestavelmente pelo voto – é porque a gente confiou nelas sob o aspecto do bom senso – não garantem qualquer um, é um princípio do puro fantasma, de fantasma coletivo, sem dúvida. É isso que quer dizer o princípio de realidade? É absolutamente certo. A gente percebe, no uso, que todos os pequenos fantasmas privados se juntam, se juntam em feixes, como dizia há pouco. O que não é surpreendente no que se refere à relação da coisa com a morte, porque é a propósito dela que eu evoquei o bom senso sem entrar em detalhes, os menos perigosos, é isso que se chama princípio de realidade, e que, na medida em que se opõe ao princípio do prazer, se opõe muito seriamente porque o princípio do prazer não tem estritamente mais do que uma definição possível: aquela do menos gozo – é o que isso quer dizer. Menos se goza, mais isso vale.

De maneira que isso nos leva a instalar certo número de duplas no tocante ao real, imaginário e simbólico.

---

<sup>23</sup> A.M.E. – analista membro da Escola. (N.T.)

O real é, evidentemente para nós, no uso antinômico ao sentido, o que se opõe ao sentido como o Zero se opõe ao Um. O real é estritamente o que não tem sentido. Nossa interpretação é algo que não tem que ver com o real, salvo na medida em que a dosamos. Nós a dosamos e a limitamos à redução do sintoma. Há sintomas que não se reduzem, é absolutamente certo, e entre outros, a psicanálise. A psicanálise é um sintoma, um sintoma social, e é assim que convém conotar sua existência. Se a psicanálise não é um sintoma, não vejo por que ela tenha aparecido tão tarde. Aparece tarde na medida em que alguma coisa tem que se conservar (sem dúvida porque está em perigo), de certa relação com a substância, a substância do ser humano.

Então tentemos formular juntos alguma coisa que situe o imaginário em relação a outra coisa. O imaginário não tem outro suporte que o fato de ter o corpo, e enquanto esse corpo se desliga do gozo fálico, o imaginário toma consistência. É muito precisamente enquanto o gozo fálico passava por outro lugar, e é tema da história notar como ele era escamoteado. É nessa medida que a ideia de mundo nasceu. Está aí a oposição não de um “zero” e de um “um”, mas a de um menos a um mais. É na medida em que a castração opera onde há menos falo que o imaginário subsiste, todo o mundo sabe, já que é por isso que chamam pré-genitais os estados que constituem o suporte mais habitual de todos os comportamentos chamados humanos.

E o simbólico, então? O simbólico é simples. Ao simbólico não há oposição, há o furo, o furo original. O simbólico não tem acompanhante (“partenaire”), a não ser por um truque. É na medida em que não há Outro do Outro, quer dizer, que o ser e sua negação são exatamente a mesma coisa, como todo mundo sabe, e os dialéticos dizem logo: o não-ser existe porque você fala dele. Isso prova até que ponto o não-ser é exatamente o equivalente, é a razão de que justamente a descoberta da análise é – se bem que o ser e o não-ser sejam a mesma coisa, é necessário um buraco que mantenha o todo em conjunto, e em suma, tudo se resume nisto: só existe criação, cada vez que avançamos uma palavra, fazemos surgir vida do nada, ex-nihilo, uma coisa; é nossa maneira de ser humanos, e é por isso que não copulamos, salvo alguma exceção, com uma mulher, mas copulamos com a Coisa.



E as mulheres, então, elas criam? Escutei há pouco, de alguém que muito me agradou (não é para dizer que o que Michèle Montrelay dizia antes não me tenha agradado também), mas há uma, chamada Anne Colot, que me fez sublinhar que a mulher não estava completamente feita, e o que ela disse era bastante pertinente. Ela não usou, felizmente, a palavra criatividade. Ela falou da criação como algo que faz com que, no fundo, uma mulher saiba quem é o seu bebê. O bebê é como a vida. É patente no ser humano que ele é um parasita; é algo que começa a existir se você lhe dá justamente um nome; enquanto não tem nome, o que é? Então a criatividade... alguém me fez uma reportagem sobre a criatividade da mulher. Devo dizer que não sou ardente (“*chaud*”), não é necessário que uma mulher seja criativa para ser interessante, é suficiente que ela conte, é isso que tem seu peso.

Então, resumamo-nos. Um sintoma, o que é? É algo que tem grande relação (é o que se vê na prática) com o inconsciente. Então, o que eu gostaria é que a psicanálise, como já disse há pouco, continue o tempo necessário, nem um minuto a mais, é claro, como sintoma, porque é, de qualquer maneira, um sintoma tranquilizante. (Aplausos).

(A sessão foi suspensa às 18h45min).